

MISSIONÁRIOS

**CARTA CIRCULAR
DO
P. JOSEP MARIA ABELLA, C.M.F.
SUPERIOR GERAL**

ROMA 2012

Tradução e edição

Província Portuguesa da Congregação dos Missionários
Filhos do Imaculado Coração de Maria
Av. Almirante Gago Coutinho, 85
1700-028 Lisboa
Portugal

INTRODUÇÃO

Estimados irmãos:

Espero que, ao receberem esta carta, se encontrem bem e cheios de entusiasmo no serviço missionário que os superiores lhes confiaram. Alguns, por dificuldades de saúde ou devido à própria idade, continuam firmes a orar pelo bom êxito do ministério dos seus irmãos. Outros encontram-se a frequentar as etapas do processo formativo, preparando a sua futura integração nas equipas missionárias. Dirijo-me a todos, nesta metade do sexénio, para cujo período foi eleito este Governo Geral, recordando e comentando alguns pontos importantes que nos legou o último Capítulo Geral, que se esforçou por renovar a nossa vida missionária. Parece-me conveniente fazê-lo nesta altura, partindo da perspectiva que nos apresenta o que consideramos mais nuclear na nossa vocação: ser missionário e exercer esse múnus, especificamente hoje.

Quando iniciámos a fase da preparação do último Capítulo Geral, verificámos que a maioria dos Superiores Maiores da Congregação se preocupava e urgia que se tratasse o tema da nossa identidade. Não necessitávamos de assinalar novas definições, porque estávamos convencidos de que o processo de renovação congregacional, posterior ao Concílio Vaticano II, nos havia legado formulações profundas e concretas, tanto nas Constituições renovadas, como noutros documentos. Além disso, o magistério dos Capítulos e dos Superiores Gerais tinhamos oferecido pistas importantes sobre este assunto. Andávamos preocupados, isso sim, com o facto de essa identidade, tão bem definida, estar, ou não, a moldar a nossa vida, as nossas comunidades e os respetivos projetos apostólicos. Tanto as cambiantes do momento histórico que atravessávamos, como

a pluralidade das situações culturais que caracterizavam a realidade congregacional, nos lançavam novas questões, ou, melhor ainda, nos faziam descobrir ressonâncias novas da pergunta fundamental: ‘quem somos e como devemos viver hoje essa identidade’. É óbvio que a palavra ‘identidade’ nos poderia levar a uma discussão excessivamente teórica; optámos, então, por formular a pergunta do seguinte modo: *Como viver, hoje, a nossa vocação missionária?* Foi esta inquietação que orientou o nosso discernimento, na etapa pré-capitular e durante a realização do Capítulo Geral. Os três elementos, latentes na pergunta, chamam-nos a atenção para os aspetos fundamentais que devemos ter em consideração. Está em causa uma “vocação”, um dom, um chamamento, um presente de Deus, e não para um projeto primariamente nosso, pensado e definido a partir de nós mesmos. É, antes de mais, um chamamento que se deve escutar e a que se deve dar resposta. Implica uma relação de respeito à vida daquele que escuta o chamamento e que o vai abanar permanentemente com novas perguntas. Trata-se de ‘viver’ de acordo com as exigências que decorrem deste chamamento, que se repercute em todas as dimensões da vida. E, finalmente, requer que o mesmo se viva “hoje”, se saiba escutar de novo nas circunstâncias mutantes da história, tendo sempre presente o “pathos” de quem chama e o seu projeto salvífico.

O itinerário capitular escolheu como centro o tema da mística missionária, condição fundamental para dar resposta a este chamamento. Somos sempre, e antes de mais, *missionários*. É uma afirmação que nos parece quase supérflua, porque a escutámos, meditámos e pronunciamos infinitas vezes. Mas é, simultaneamente, uma declaração que nos deixa inquietos, porque nos coloca perante o desafio de mostrar, com as nossas atitudes, projetos e atividades, que tal asserção vigora na nossa vida pessoal, nas nossas comunidades e na caminhada da

Congregação universal. Durante o Capítulo, vimos com clareza que precisávamos de renovar a motivação que nos mantinha atentos aos desafios que descobríamos no mundo, dispostos a assumir as consequências de dar resposta aos mesmos, tendo como referência as exigências do carisma missionário que o Senhor nos deixou. Perfilhando essa preocupação, a Congregação avançou com algumas iniciativas, nestes últimos anos.

Pareceu-me conveniente partilhar convosco algumas reflexões sobre este tema tão crucial, para podermos continuar a escrever a história congregacional numa clave verdadeiramente missionária.

I.

A MISSÃO, UM TEMA FUNDAMENTAL

A missão situa-se no centro da Vida Consagrada. O Papa recorreu aos Superiores Gerais, no discurso pronunciado durante a audiência que nos concedeu, no mês de novembro de 2011: “A missão é a forma de ser da Igreja e, nela, da Vida Consagrada; faz parte da vossa identidade.” Os carismas são dons do Espírito, para o bem de toda a Igreja: para que possa crescer no seu itinerário de fé, construir uma verdadeira fraternidade e desenvolver a missão de dar testemunho e anunciar o Reino.

A missão constituiu também um dos pilares da reflexão do Congresso Internacional da Vida Consagrada, realizado em Roma, em 2004. Tentámos exprimi-la através daquela frase, que serviu de lema e de inspiração a muitos: “Paixão por Cristo, paixão pela humanidade”. Já em diversas ocasiões fiz referência a este tema, sublinhando a perspectiva que nos permite viver a vida, com sentido verdadeiramente missionário.

Foram muitos os congressos e simpósios que se fizeram eco deste tema, e numerosas são as publicações que tratam do assunto. Há uma convergência muito grande, quando se aponta a importância deste aspeto fundamental da nossa identidade, como religiosos e claretianos. No entanto, são muitas as perguntas que nos agitam profundamente e nos obrigam a buscar novas perspectivas e a definir novos eixos, sobre os quais tentamos articular o projeto missionário da nossa Congregação, hoje.

1. PONTOS DE REFERÊNCIA, NA HORA DE REPENSAR A NOSSA MISSÃO, HOJE

1.1. O Padre Fundador

Quando refletimos sobre o nosso carisma missionário, sentimo-nos levados, evidentemente, a dirigir o nosso olhar para a experiência do Padre Fundador. Interessa-nos, sobretudo, tomar consciência do que esteve na base da sua vocação missionária, como interiorizou este chamamento e deu corpo à sua resposta, através dos projetos e das atividades concretas. Conhecemos muito bem como ele soube conjugar a análise da realidade daquele momento histórico com a forte provocação que ia descobrindo na meditação da Palavra de Deus. Isto aconteceu, à luz de prismas teológicos, eclesiológicos e sociológicos do seu tempo, deixando-se interpelar por eles e tentando responder-lhes. A sua espiritualidade pessoal, a organização do grupo que o acompanhava – era a sua comunidade – e o seu trabalho estiveram sempre norteados pela preocupação missionária. É este um dado que pretendemos extrair da experiência do nosso Padre Fundador. Damo-nos conta que o zelo missionário que se apoderou do seu coração foi o eixo, ao redor do qual alinhou as diversas dimensões da sua personalidade e que perpassou por todos os projetos da sua vida de sacerdote e bispo. A nossa Congregação é o resultado desse zelo. Durante a celebração do bicentenário do seu nascimento, tivemos a oportunidade de aprofundar todos estes aspetos. Foi um tempo de graça para toda a Congregação.

No entanto, os tempos mudaram, e algumas das motivações que conduziram Claret a uma atividade apostólica incansável já não encontram grande eco em nós. Tive a oportunidade de comentar este assunto com muitos claretianos, em conversas pessoais e em variadas reuniões. Uma nova visão do homem,

um modo diferente de conceber a Igreja e a sua missão, uma sensibilidade ecuménica que era impensável no tempo do Padre Fundador, novos elementos que entraram no campo da teologia e da cristologia, um contato mais profundo com outras tradições religiosas e tantas outras coisas, colocam-nos numa perspetiva muito distante da anterior. Isto faz-nos recuperar o núcleo da sua vocação missionária, para podermos encontrar, a partir do seu exemplo, motivações que hoje digam mais ao nosso coração e encham de dinamismo a nossa atividade apostólica. Claret continua a ser para nós, chamados a esta comunidade missionária, um ponto de referência fundamental; mas precisamos de aprender a fazer uma releitura adequada. É muito belo o número da Autobiografia que conclui o capítulo em que fala dos “estímulos que o motivavam a missionar”. É um texto que apelidamos de “oração apostólica”, e que continua a alimentar a nossa espiritualidade missionária: “Meu Deus e meu Pai! Fazei que Vos conheça e Vos faça conhecer; que vos ame e Vos faça amar; que Vos sirva e Vos faça servir; que Vos louve e Vos faça louvar por todas as criaturas. Fazei, meu Pai, que todos os pecadores se convertam, que todos os justos perseverem na graça e todos nós consigamos alcançar a glória eterna. Amen” (Aut 233). Descobrimos aqui um núcleo importante da nossa espiritualidade e da nossa motivação missionária.

Continuamos também a ter em mente, e no coração, as palavras da “definição do missionário”, que inspiraram o compromisso de tantos irmãos nossos, e que continuam entranhadas fortemente no nosso íntimo. Foi, de fato, à volta deste texto que se congregou a reflexão capitular, e a mesma ficou plasmada no documento “Homens que ardem em caridade”.

São estes os traços claretianos que nos irão ajudar a explicitar as motivações, que devem continuar a sustentar e a fortalecer

hoje o nosso empenhamento missionário, e onde vamos encontrar inspiração para identificar a ótica, sobre a qual conseguiremos englobar o maior número de atividades apostólicas, graças às quais a Congregação manifesta hoje o seu carisma missionário.

1.2. As orientações do Magistério eclesial

Estamos a comemorar os cinquenta anos do início do Concílio Vaticano II. O Concílio tem, sem dúvida, provocado mudanças radicais no modo de definir a Igreja e a sua missão no mundo. A eclesiologia da comunhão, que encontramos nos documentos do Concílio, convida-nos a viver o mistério da Igreja como uma realidade na qual os diferentes carismas e ministérios, dons preciosos do Espírito, se relacionam entre si, fazendo com que ela possa continuar a avançar numa maior fidelidade a Jesus e a desenvolver com entusiasmo a missão que lhe foi confiada pelo Senhor. Nela, todos nos sentimos chamados e responsáveis por esta missão, que é necessária e urgente para toda a humanidade.

O Concílio apontou o caminho para o desempenho da mesma missão, que implica abrir-se ao mundo e escutar atentamente as perguntas que ele lança, na caminhada da humanidade e neste momento histórico. Somente através de um diálogo aberto e cordial, o Evangelho chega efetivamente a tocar na vida das pessoas. Trata-se de um diálogo imprescindível para encontrar os caminhos de uma evangelização capaz de penetrar nas culturas dos povos, tal como dizia Paulo VI na “*Evangelii Nuntiandi*” (EN 20).

O Concílio reconheceu a urgente necessidade de aprofundar e de acelerar o percurso do ecumenismo, e de entrar em diálogo sincero com os crentes de outras Tradições religiosas, e com

todos os homens de boa vontade. Os direitos humanos, a paz, a justiça, a ecologia e outros temas profundamente humanos encontraram o seu lugar próprio no contexto da evangelização.

Não é este o lugar próprio para apresentar qualquer tipo de síntese da doutrina conciliar. Quero simplesmente sublinhar a importância de não perder de vista aquele espantoso momento de graça, que teve lugar na vida da Igreja. A ação missionária da Igreja viveu, graças a ele, tempos novos. Referindo-se ao Concílio, afirmou o Beato João Paulo II: “A enorme riqueza dos conteúdos e o novo tom utilizado, que antes da apresentação conciliar era perfeitamente desconhecido, constituem quase um anúncio dos novos tempos” (TMA 20).

O Magistério posterior tem-nos ajudado a aprofundar esta reflexão e proporcionou vários incitamentos a que entrássemos nos “novos areópagos”, convidando-nos a dar, também ali, um testemunho do Evangelho. A época pós-conciliar tem sido um tempo fértil em originalidade pastoral e em generosidade missionária, embora, lamentavelmente, hoje, se note certo cansaço nalguns setores. A criatividade requer que estejamos atentos aos sinais dos tempos e à ação do Espírito na história. Por isso, exige uma profunda espiritualidade e uma generosa disponibilidade, para assumir os novos desafios e buscar respostas que sejam verdadeiramente significativas.

Igualmente importante tem sido o magistério das Igrejas continentais e nacionais. Aponto somente algumas indicações sobre as Igrejas continentais, já que entrar na experiência das Igrejas nacionais é quase impossível.

A Igreja Latino-americana tem sido pioneira, e as orientações emanadas das suas Conferências Gerais, em Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e, recentemente, Apare-

cida (2007), põem em destaque a vida de todas as igrejas daquele continente e estimula o compromisso missionário nas demais. A opção preferencial pelos pobres, o empenhamento no campo da justiça, a recuperação da Palavra de Deus na comunidade cristã, e muitos outros aspetos, têm dado lugar a novas formas de presença eclesial entre o povo e a práticas pastorais que foram gerando um novo modo de ser Igreja.

A Igreja da Ásia continua a insistir no diálogo, como lugar privilegiado de evangelização: diálogo com as culturas, com as Tradições religiosas e com os pobres. Através desta partilha, comunica-se a mensagem alegre do Evangelho e enriquece-se a própria experiência de Deus, que se define, cada vez mais, como Pai/Mãe de todos. Graças às conversações mútuas, todos nós podemos converter-nos mais ao Reino. No diálogo, o anúncio de Jesus Cristo encontra o seu lugar específico.

A Igreja da Europa teve de enfrentar problemas que se prendem com a sua situação cultural, marcada por um processo de secularização muito violento, e que provocou um notório distanciamento da Igreja por parte de muitos católicos, e que produziu certo indiferentismo religioso na maioria dos cidadãos desse continente. Despontou, contudo, uma enorme panóplia de novas iniciativas pastorais e anda-se à procura de novos espaços de diálogo com a cultura. A Igreja na Europa tem desempenhado também um papel muito importante nos novos rumos que orientam a organização política deste continente.

A Igreja da América do Norte está consciente da urgência de não perder de vista a situação dos outros povos, quando se trata do bem-estar e da implementação do mesmo, e tem sido capaz de suscitar questões pertinentes, que tiveram impacto na consciência dos cidadãos e dos governantes das respetivas

nações. A presença próxima e solidária dos imigrantes apresenta um testemunho claro dos valores evangélicos.

A Igreja da África, essa, procura ser instrumento de comunhão e de reconciliação em muitas situações de conflito, pelas quais tem passado este continente. Por outro lado, conseguiu acolher com alegria um crescente número de pessoas que desejavam fazer parte da comunidade cristã e acompanhá-las na sua caminhada de fé. Entre dificuldades, mas sempre com grande esperança, foi traçando a matriz de uma “Igreja, família de Deus”, na qual todos podem ser integrados, com a riqueza das suas próprias tradições culturais.

É verdade que, ao lado disto, subsistem muitas sombras na vida da Igreja que, às vezes, debilitam a credibilidade do seu anúncio evangélico. Mas, a nova forma de conceber a Igreja e sua missão, que surgiu a partir do Vaticano II, tem provocado, sem dúvida, mudanças significativas. Estamos inseridos numa dinâmica nova, que não permite que nos esqueçamos da problemática que advém das realidades culturais e sociais, porque a evangelização acontece, precisamente, no quadro deste diálogo mútuo. O Concílio continua a oferecer-nos uma perspectiva suficientemente lúcida, capaz de abordar as diferentes posições que descobrimos na realidade do mundo atual. Incita-nos a procurar novas formas de viver a nossa consagração religiosa, para que esta veicule verdadeiramente uma mensagem jubilosa para o mundo de hoje.

1.3. Outras referências importantes

Existem também outros pontos de referência, que não podemos descuidar, na hora de executar o nosso desempenho missionário. Enumero alguns, que considero mais relevantes.

- a. *Atenção à realidade.* Refiro-me, sobretudo, à situação das pessoas, povos e locais onde estamos sediados. A relação cordial e aberta com estes cidadãos abre a nossa inteligência e o nosso coração para captarem as suas esperanças e os seus medos, as suas alegrias e os seus sofrimentos. Sentir que estas pessoas formam parte fundamental da nossa vida é o primeiro passo a dar para, em colaboração conjunta, se construir o Reino. A pregação, a liturgia, a catequese e muitas outras atividades não irão encontrar sintonia e ressonância dentro delas, se não brotarem deste “diálogo de vida”. Além disso, é fundamental também não perder de vista que esta pequena porção do mundo, que constitui o âmbito da nossa experiência quotidiana, é parte de uma outra realidade mais ampla, que a condiciona e determina, para o bem e para o mal. Na leitura da realidade, convém nunca esquecer o estudo das suas dimensões culturais, políticas e económicas, e outros aspetos que nos ajudem a entender melhor o fenómeno que provocou as situações que descobrimos e em que vivemos.
- b. *Colaboração, a nível da reflexão teológica e pastoral.* É outro aspeto importante. Não podemos viver presos a esquemas que nos chegaram de outros tempos e que dificilmente, hoje, darão impulso à criatividade missionária. O estudo dos textos, elaborados por especialistas que se dedicam ao ministério da reflexão teológica, ajuda-nos também a identificar melhor as questões que devemos apreender e as respostas que devemos dar. Do mesmo modo, creio ser imprescindível seguir com atenção a evolução do pensamento e de outras manifestações culturais (literatura, arte, música, etc.), neste momento histórico que nos toca viver, porque aportam sempre novos incentivos ao serviço missionário. Todos

estes estudos trazem, simultaneamente, interrogações inquietantes sobre a natureza e os métodos da missão da Igreja, nas novas situações que a mesma enfrenta.

- c. *Testemunho de pessoas, cristãs ou não, que suscitam esperança.* Há pessoas que têm a capacidade de descobrir os sinais dos tempos da nossa sociedade e de apontar horizontes que indiciam esplendorosos sinais de esperança. O Espírito do Pai fala e age através delas. Penso, por exemplo, em D. Óscar Romero, no Irmão Roger de Taizé, na Madre Teresa de Calcutá, em Edith Stein, para citar alguns nomes conhecidos. Mas evoco também outros, como Mahatma Gandhi, Martin Luther King, Julius Nyerere, Nelson Mandela, etc. Todos estes e muitos mais, que conhecemos e admiramos – alguns bem notáveis, mas cujos nomes não figuram nos meios de comunicação social – são pontos de referência importantes, quando ousamos pensar no que significa, hoje, anunciar o Evangelho e construir o Reino. Ampliam o nosso horizonte e põem em causa, frequentemente, a estreiteza dos nossos pontos de vista.

- d. *Discernimento da comunidade.* O Senhor fala-nos igualmente, através do discernimento da comunidade. As diversas sensibilidades que moram no seu interior, de cariz cada vez mais intercultural, ajudam-nos a analisar melhor as situações e a forma como devemos solucioná-las. É um exercício de discernimento, que encontra a inspiração na Palavra de Deus, que não pode nunca ficar fora deste processo. Orientados por ela, deixamos que as vozes e os sinais, que provêm da realidade que nos circunda, penetrem no nosso coração. Na oração e no diálogo da comunidade, vão se purificando as nossas avaliações, tornando mais sinceras as nossas atitudes e

eliminando os nossos receios. Um bom discernimento comunitário constitui um ponto de referência imprescindível para dar continuidade às ações pastorais, que, do contrário, se reduziriam a atividades meramente vinculadas a uma só pessoa, sem garantias da necessária continuidade para que possam tornar-se verdadeiramente transformadoras. A comunidade não poderá nunca estar ausente da reflexão sobre a nossa programação missionária.

2. NOVAS PERGUNTAS, QUE NOS CAUSAM PREOCUPAÇÃO

Todos os elementos citados suscitam em nós uma vontade sincera de assumirmos com entusiasmo a missão e de desempenharmos com generosidade os serviços que nos são confiados. Temos consciência de ser missionários, e estamos felizes por termos sido chamados por Deus a viver esta vocação, concretamente, na comunidade claretiana.

Mas surgem simultaneamente, dentro de nós, muitas questões que nos obrigam a repensar constantemente o modo de levarmos a cabo, hoje, esta missão, que constitui o núcleo fundamental da nossa vocação. Quero recordar aqui algumas destas inquietações. Faço-o, a partir da minha experiência pessoal, e são uma espécie de eco das longas horas de diálogo com muitos de vós e com os meus colaboradores mais próximos. São perguntas que variam, de acordo com o contexto onde vivemos e trabalhamos, ou provêm do ministério que nos foi confiado. São questões que, por um lado, estimulam a criatividade missionária, mas, noutras ocasiões, podem conduzir-nos ao desânimo ou suscitar, em cada um de nós e na comunidade, certo desajustamento, quando se trata de apontar o rumo da atividade missionária.

Frente a um mundo onde, infelizmente, a exclusão é um fenómeno cada vez mais patente e onde milhões de pessoas não contam sequer com os recursos suficientes para viver, interrogamo-nos: Como ser sinais credíveis do amor de Deus, entre os pobres e excluídos deste mundo globalizado? Às vezes pesamos a segurança que desfrutamos, e constatamos como esta prejudica a credibilidade do nosso anúncio missionário. Descobrimos, nalguns setores da Igreja, cumplicidades que nos distanciam dos que sofrem os efeitos das situações de exclusão e de injustiça. Não podemos negar que, algumas vezes, nos custa assumir na própria vida as exigências de uma verdadeira proximidade com os pobres e excluídos. Perguntamo-nos para que serve o serviço missionário e se este é capaz de aproximar o mundo do projeto que Deus tem para com todos os seus filhos e filhas. As palavras de Jesus, narradas no Evangelho de Lucas (cf. Lc 4,18-21), e que inspiraram a vida missionária do Padre Fundador, transportam uma força que abala a nossa mente e o nosso coração.

A revolução operada no sistema de comunicações, a nível mundial, tem possibilitado um maior conhecimento das demais Tradições religiosas e tem-nos aproximado das riquezas culturais dos vários povos. Por isso, quando a eles somos enviados, perguntamo-nos: Que significa anunciar a Palavra de Deus a pessoas que viveram uma profunda relação com o Senhor, através de outras mediações? Que ajuda pode prestar o anúncio do Evangelho a povos que construíram a sua cultura e a sua história com base em Tradições religiosas diferentes das nossas? Jesus Cristo é também um “dom do Pai” para estas pessoas e para estes povos. Que tipo de presença e que dinamismo de missão requerem tais situações? Sabemos que alguns questionam a missão “ad gentes”. É preferível falar da “missio inter gentes”. Mas, como viver a vocação missionária, norteados sempre pela dinâmica do diálogo sincero e profundo com

outras Tradições religiosas? A nossa própria experiência de Deus e o nosso modo de viver a missão tem prestado algum contributo a estes encontros?

Em diversas zonas do mundo, os processos de secularização estão a criar uma cultura alheia ao universo da fé e, consequentemente, à mensagem que a Igreja proclama. Desapareceu a antiga agressividade, mas debatemo-nos agora com a indiferença. Muitos de nós vivem nestes ambientes culturais e recebem o impacto destas ideias. Estou convencido de que o fenómeno da descrença ou da indiferença religiosa não constitui somente um problema pastoral, mas também existencial, porque nos afeta e manipula a nossa experiência de fé e a nossa visão do ser humano, da sociedade e da história. Custa-nos criar espaços para um diálogo significativo com as pessoas que se afastaram do campo da fé, um diálogo em que o testemunho da fé possa encontrar também o seu lugar próprio. Não é fácil utilizar uma linguagem apropriada. Neste diálogo, são postas em questão a nossa própria vida e a capacidade de manifestar que Deus é o absoluto, em quem cremos e em quem confiamos totalmente. Surgem muitas outras afeições, que criam obstáculos à difusão do nosso testemunho. Sentimos a urgência de proclamar o Evangelho? Estamos convencidos de que é necessário que seja oferecida a estas pessoas a oportunidade de um encontro com Jesus? Estamos dispostos a assumir as consequências de uma “nova evangelização”, que ultrapasse a tentativa de recuperação dos espaços perdidos pela Igreja e se torne profundamente transformadora? Sabemos evangelizar, continuando “amigos” de quem não partilha a nossa visão do homem e do mundo e, simultaneamente, mantendo-nos fieis à missão que nos foi confiada?

Por outro lado, confrontamo-nos com os avanços da ciência que põem em causa muitas certezas e exigem que repensemos

tantas mensagens que estivemos a anunciar ou a forma como as estivemos a apresentar. Não podemos negar que tudo isto faz brotar dentro de nós uma problemática, perante a qual nos sentimos bastante desprotegidos ou, pelo menos, desorientados. Alguns de nós, inclusivamente, caem na tentação de lhes passar por cima. Mas são problemas que vão abrindo brechas na consciência do povo, que continua, no entanto, à procura de um horizonte que o ajude a descobrir a verdadeira dignidade da pessoa, ultrapassando as conclusões a que podem ter chegado as descobertas científicas mais recentes. Constitui um tremendo desafio para a evangelização e uma oportunidade única de purificar muitos elementos da mensagem, que vêm sendo repisados e que já não entram nem na mente nem no coração das novas gerações. De que forma damos resposta a tais questões?

Como nos integramos, partindo da nossa identidade cristã e religiosa, nos esforços de toda a humanidade, pelo menos de muitas pessoas, em construir um mundo mais fraterno, solidário e mais respeitador da natureza? Estamos verdadeiramente convencidos de que isso faz parte da nossa missão, de que é também uma dimensão fundamental da evangelização? São numerosos os grupos e pessoas que anseiam por um mundo diferente, mais de acordo com a dignidade do ser humano e, portanto, respeitando mais o projeto de Deus. Estão a ser rasgados espaços importantes de participação nos foros mundiais, onde se decide a sorte de milhões de pessoas. Sentimos necessidade de estar presentes nestes âmbitos, como expressão valiosa e legítima da nossa vocação missionária? Ou, pelo contrário, contemplamos estas iniciativas como algo que nos distancia do que cremos ser a nossa tarefa de evangelizadores? São questões que dizem respeito aos aspetos fundamentais da nossa identidade e que exigem esclarecimentos, tanto a nível teórico como existencial. Devemos procurar novos modelos de

espiritualidade, que nos ajudem a interiorizar estas dimensões, tão importantes para a construção do Reino de Deus.

Mas, limitando-nos à esfera do trabalho estritamente pastoral do serviço à comunidade cristã, há várias perguntas que dirigimos a nós próprios. O que é que nos motiva verdadeiramente, no trabalho pastoral? É o “*Caritas Christi urget nos*” que inflamava o Padre Fundador? Andamos, às vezes, muito preocupados com a manutenção das estruturas eclesiais, com os números, com as apreciações que outras instâncias da sociedade fazem de nós. É preciso, certamente, uma generosa atenção a quem habitualmente participa da vida da paróquia e da comunidade cristã, algo que fortaleça a capacidade evangelizadora dessas pessoas. Dou-me conta, nas visitas e encontros que faço, que existe uma opção clara pela multiplicação de evangelizadores e pela sólida formação cristã dos que foram confiados aos nossos cuidados pastorais. Os projetos da pastoral bíblica, a atenção às comunidades eclesiais de base, o acompanhamento de grupos de jovens, etc. são prova disso. No entanto, fico um tanto desanimado, quando vejo, com frequência, que não se dá a resposta esperada. Para onde se orientam as nossas opções pastorais? Onde estamos? Porque temos medo de abandonar certas posições e de responder a situações mais interpeladoras pastoralmente? A missão interpela-nos deveras, ou corremos o perigo de acabar como “funcionários” da Igreja?

São também muitos os locais onde a participação na liturgia e na vida eclesial está repleta de dinamismo. Aí nos perguntamos, assiduamente, como superar certa dicotomia que existe entre a fé e a vida. Que fazer, para que o que se celebra tenha ressonância no que se vive e que a vida seja expressão do que se celebra? Preocupa-nos que processos que se implementaram e resultaram noutras zonas da Congregação não se apliquem nesses locais; custa-nos, às vezes, assumir novas atitudes pas-

torais. Ainda se vê certo tipo de clericalismo, que pode ser nocivo à construção de uma Igreja, disposta a buscar novas respostas perante novos desafios.

Interrogamo-nos sobre a capacidade evangelizadora de algumas das nossas estruturas pastorais: centros de ensino, projetos de promoção humana, atenção a grupos de marginalizados, diversas iniciativas no mundo dos meios da comunicação social e das novas tecnologias da comunicação, centros superiores de estudos eclesiásticos, etc. Se continuamos presentes aí, é porque as consideramos plataformas evangelizadoras. Neste campo, recolho também muita problemática que nos obriga a repensar constantemente o sentido da evangelização e os métodos mais apropriados para manter o seu dinamismo missionário. Andamos preocupados com a sua localização e os seus destinatários. Chegamos a quem mais precisa de nós? Estas estruturas são totalmente transparentes aos valores do Evangelho? Preparam os que beneficiam delas para serem transformadores do mundo, aproximando-os mais do projeto de Deus, nosso Pai?

Sentimo-nos apoiados e estimulados pelas orientações que nos ministram o Papa e muitos dos nossos Pastores e pelo testemunho de tantos grupos eclesiais que colaboram generosamente no anúncio do Evangelho. O testemunho martirial de muitas igrejas continua a ser fonte de credibilidade para a missão da Igreja. Mas verificamos, simultaneamente, situações eclesiais que se afastam dos verdadeiros valores do Evangelho ou condutas reprováveis e até escandalosas, por parte de quem recebeu ministérios na comunidade eclesial; e isso provoca um efeito tremendamente devastador na comunidade cristã e no desempenho da missão da Igreja no mundo. Como podemos cooperar na recuperação da credibilidade eclesial?

Resta-nos sempre, e sobretudo, a pergunta fulcral, sobre o que deve constituir o núcleo fundamental da evangelização: ser instrumentos do encontro das pessoas com Jesus Cristo, Palavra do Pai, que revela a grande profundidade do seu amor. De que forma apresentamos Jesus? Ele e o projeto do Reino situam-se verdadeiramente no eixo do nosso compromisso evangelizador? A meta do caminho que estamos chamados a percorrer no serviço evangelizador é a adesão íntima a Jesus e ao Reino. Damo-nos conta que, com frequência, insistimos muito na doutrina, e descuidamos o acompanhamento que devíamos prestar na experiência profunda de Deus. Parece que pretendemos abafar a ação de Jesus e do seu Espírito, que são os verdadeiros mestres na caminhada da fé. Perguntamo-nos por que razão, depois de termos dedicado tantos esforços à educação da fé, as pessoas abandonam muitas vezes a comunidade cristã? Talvez porque já não transmitimos o entusiasmo bastante para contagiar os demais ou não deixamos transparecer aquela profunda paz de espírito que convida os demais a empreenderem o itinerário cristão. Como vai a nossa catequese? Que experiência de Deus transmite a nossa vida?

Poderíamos continuar a sugerir mais questões. Tudo isto pode ajudar a motivar a criatividade e o dinamismo do projeto missionário da Congregação ou, pelo contrário, irá provocar algum pessimismo que não nos deixará viver alegremente a nossa missão. É importante tomar consciência disso e encontrar respostas que “nos convençam” e “nos motivem”. O fito desta carta visa animar-nos a todos a caminhar por um trilho que nos conduza a um empenhamento mais audaz e generoso no anúncio de Jesus Cristo e na eficaz colaboração da construção do Reino de Deus.

Há, no entanto, uma pergunta que consideramos óbvia. A que se refere ao nosso próprio estilo de vida e aos instrumentos de

que lançamos mão para levar a cabo a nossa missão. A nossa vida é uma parábola verdadeira do amor de Deus ao seu povo, da compaixão de Jesus por quem andava necessitado da sua palavra e da sua presença? Tenho observado, em variadas ocasiões, que existe uma espécie de resistência, no tocante à forma de “estar presente, no meio do povo”. Parece que adotamos uma certa dinâmica “profissional”, que distingue excessivamente as “horas de serviço” dos “horários pessoais”. O grande desafio e a condição fundamental para dar credibilidade ao nosso trabalho missionário é tornarmo-nos transparentes ao amor do Pai e deixar que a nossa consagração seja o critério único a modelar o nosso estilo de vida. Não vou negar a necessidade dos momentos de oração, de estudo, de descanso e de convivência comunitária. Pelo contrário, considero-os imprescindíveis. Nem julgo positivo alterar os tempos e espaços reservados à nossa vida familiar-comunitária. A pergunta incide mais sobre o estilo de vida que nos pode afastar do povo, a quem fomos enviados. Da mesma forma, questionamos a escolha dos instrumentos utilizados no nosso serviço evangelizador e a localização das nossas obras. Devemos continuar sempre muito atentos a um possível desvio dos critérios radicados nos valores fundamentais do Evangelho e ao perigo da acomodação a outros parâmetros de avaliação, mais comuns na nossa sociedade, mas que divergem muito da “eficácia evangélica”.

Ao levantar todas estas inquietações, e muitas outras que cada um traz no seu coração, procuremos refletir sobre os horizontes da missão da Vida Consagrada e nas características que o nosso empenhamento missionário claretiano deveria possuir para ser evangelicamente significativo e eficaz, no mundo de hoje.

II.

NOVOS HORIZONTES PARA A MISSÃO DA VIDA CONSAGRADA

No mês de maio de 2011, a União de Superiores Gerais (USG) apresentou, na sua assembleia semestral, uma reflexão sobre a identidade e o significado da vida religiosa apostólica, no mundo de hoje. Abordou o tema à luz da dimensão da espiritualidade, da fraternidade e da missão. Tocou-me a mim, precisamente, introduzir a reflexão sobre o tema da missão. Quero partilhar, de certa forma, com todos o que apresentei nessa ocasião, porque acho que o texto nos oferece uma moldura suficientemente ampla para situar a reflexão específica sobre as características da nossa própria missão claretiana. Todas as Ordens e Congregações religiosas estão preocupadas com o tema da missão e procuram formas de exprimir, hoje, o carisma que receberam, para bem da Igreja e do mundo¹.

Antes de mais, devemos ter presente que, quando falamos de “missão”, estamos, obviamente, a traduzir algo que não se reduz às atividades apostólicas. A missão ultrapassa as obras apostólicas concretas, pois articula diferentes dimensões da nossa vida, toda ela chamada a ser anúncio da novidade do Reino de Deus. A missão está no centro da Vida Consagrada e da identidade de cada Instituto².

¹ Nesta segunda parte, sigo, basicamente, a reflexão que apresentei nessa assembleia da União de Superiores Gerais. *IDENTIDADE E PROFECIA. TEOLOGIA DA VIDA CONSAGRADA HOJE*. USG, Assembleia semestral; maio de 2011.

² CF. VITA CONSECRATA n. 25 e outros.

A missão fundamental da Vida Consagrada e de cada Instituto é a missão da Igreja, a única que Jesus confiou aos seus discípulos. Neste sentido, a missão é “nossa”, mas pertence a um “nós” que supera as fronteiras da Congregação ou de qualquer outro Instituto religioso. É a missão da Igreja que, fiel ao mandato de Jesus, continua a anunciar o Evangelho do Reino a todos os homens e a servir a causa daqueles que, na opinião de Jesus, são os seus primeiros destinatários: os pobres, os pacíficos, os que trabalham pela justiça, os que sofrem. É esta a missão que Jesus entregou aos seus discípulos e que está expressa no Evangelho, através de diferentes “mandatos missionários”: proclamar a Boa Nova a todos os povos (cf. Mt 28,18; Mc 16,15); ser testemunhas da Ressurreição (cf. Lc 24,46-48; At 1,8); ser portadores da paz e da reconciliação (cf. Jo 20,21-23); curar os enfermos e ajudar os excluídos (cf. Lc 10,1-9); ser luz do mundo e sal da terra (cf. Mt 5,13-16); amarmo-nos uns aos outros com o amor com que Jesus nos amou (cf. Jo 13,34-35), etc. Trata-se de uma missão que tem diversas dimensões e assume formas diferentes em contextos diferentes. Finalmente, identifica-se com a missão de Jesus, apresentada por Ele mesmo na sinagoga de Nazaré, através das palavras do livro do profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu. Enviou-Me a anunciar a Boa Nova aos pobres, a proclamar a libertação aos cativos e dar vista aos cegos, a libertar os oprimidos e a proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4,18-19).

Mais ainda: é, afinal, a missão que Deus confiou a toda a humanidade: a de cuidar da criação e de construir uma história fraterna e solidária, como lemos nos relatos da Criação e nas páginas da Escritura, especialmente na pregação dos Profetas.

Mas, para entender corretamente o tema da missão, devemos recuperar a sua raiz trinitária. A missão brota das entranhas do

Deus Abbá. O Abbá gera o Filho na eternidade e envia-no-l'O, para que encarne na história. O filho, como Enviado, desempenha a missão que o Pai lhe confiou. Mas esta missão “filial” não é a única que nasce do coração de Deus; há outra que desponta do Filho, como água viva (cf. Jo 7, 37-39), e que procede do Pai (Jo 15, 26): é a missão do Espírito. Esta continua a atuar na história do mundo até ao seu final³.

A missão surge, pois, da experiência de um Deus que é comunhão e comunicação, que é amor e nos enche desse amor, que em nós transborda e quer comunicar-se. O mandato missionário de Jesus é uma ressonância da comunhão do amor trinitário, um convite a conferir-lhe, sob o impulso do Espírito, uma expressão concreta, no tempo e no espaço. A Igreja só tem sentido como instrumento de comunicação desse amor. Deste modo, participa da “Missio Dei”, embora não a esgote nem a monopolize.

“Nós coadjuvamos” nesta missão. A Vida Consagrada, e cada Instituto em particular, deverá dar visibilidade àquilo que lhe toca, no cumprimento da missão da Igreja. Devemos verificar o que diz respeito a cada um de nós, ou seja: como harmonizar os carismas, articular as ações, em favor de um projeto comum, que é decisivo para o futuro da humanidade.

1. PROBLEMAS LEVANTADOS À MISSÃO, NESTE MOMENTO HISTÓRICO

Vou tentar abordar as questões mais pertinentes e que se referem à missão da Vida Consagrada e aos horizontes ou caminhos de futuro que se vislumbram. Faça-o, na perspetiva apresentada no Congresso de 2004, sobre a Vida Consagrada: uma

³ Cf. Missionários Claretianos. “Trabalhar com outros”: fundamentos da missão partilhada. Editorial Claretiana. Buenos Aires, 2006, pags.20-21.

vida caracterizada pela “paixão por Cristo e paixão pela humanidade”. Trata-se, antes de mais, de colocar no centro da nossa preocupação e da nossa reflexão a vida do povo, as suas esperanças e lutas, as suas intuições e perguntas. Queremos ver o mundo com os olhos compassivos de Nosso Senhor e deixarmos guiar por essa compaixão, ao definir a resposta aos desafios que o universo nos apresenta. Os ícones da samaritana e do samaritano continuam a ser pontos de referência da nossa reflexão. Continuamos a julgar necessário harmonizar dinamicamente a misericórdia contemplativa e a contemplação comprometida. Entendemos, de acordo com a *Vita Consecrata*, que a Vida Consagrada deve continuar a revelar-se como uma epifania do amor de Deus, e estamos conscientes de que esta manifestação se realizou e se leva a cabo sempre, através da ‘kénosis’.

Penso que o vocábulo que melhor sintetiza os diversos aspetos dos posicionamentos que hoje se fazem seja a palavra “*mudança*”. De fato, não é nada de novo, porque em todas as épocas, e inclusivamente na nossa própria família religiosa, sucederam mudanças importantes, tal como a história documenta. Mas temos consciência de que estamos a atravessar um momento em que esta mudança acelerou e que as suas consequências se verificam também, de uma forma mais notória, na vida religiosa e na sua vertente apostólica.

Decorre presentemente uma mudança de época: estamos verdadeiramente a mudar, em termos de valores, relações, instituições e sistemas. Todos nós experimentamos isto e vemos como a mudança assume, nos diversos contextos, expressões diferentes, a que nem sempre é fácil, e é até muito difícil, dar um nome.

Estas transformações provocam crises, e as crises produzem insegurança. São tempos em que se perde a confiança nas instituições vigentes, que contribuíram para o desfecho da situação atual e que, perante esta transição epocal, são vistas como um travão ou obstáculo. É um fenómeno que experimentamos, tanto a nível da sociedade em geral, como da Igreja e da Vida Consagrada.

Contudo, as crises despertam igualmente uma nova consciência, que gera expectativas, sobretudo nas pessoas que suportaram desigualdades, opressões e exclusões nas instituições existentes e, por isso, têm mais pressa de ensaiar novas formas que superem as situações anteriores, mediante uma inclusão participativa. Daí o desafio que assumimos de acompanhar estas pessoas e grupos, ajudando-as a manter viva a sua esperança, e, com nossa inibição, não defraudar os seus esforços generosos e cheios de audácia. Apercebemo-nos realmente desta mudança? Como a vivemos?

É importante procurar identificar as questões mais profundas que a referida mudança comporta para cada um de nós e para as nossas comunidades e respetiva missão. O primeiro passo a dar será ver o mundo que nos rodeia e elencar as manifestações mais visíveis dessa mudança. Deveremos tentar atribuir um nome aos medos e às esperanças que estes problemas suscitem em nós e nas nossas comunidades. E fazer, ainda, um posterior esforço de reflexão e de criatividade, para dar respostas que toquem no coração dos homens de hoje, para que cumpram a missão de serem elementos transformadores da cultura (cf EN 20). Atrevo-me a apontar quatro expressões destas alterações, que se apresentam cheias de dificuldades para nós que fomos chamados à vida missionária.

1.1. A globalização

Um primeiro fenómeno, que caracteriza o momento histórico em que vivemos, é a globalização, que tem suprimido distâncias e movimentado pessoas e povos, e que pode colocar em ação atividades e movimentos de diversa índole, que rapidamente ultrapassam as fronteiras nacionais e culturais. É uma realidade ambígua, com grandes potencialidades para gerar fortes redes de solidariedade, mas que apresenta também a ameaça real de ser manipulada pelos que ostentam o poder, com o objetivo de o consolidar ou de o ampliar. De fato, verificamos, por exemplo, como é fácil a quem possui dinheiro multiplicar os seus recursos, num mercado que pode ser controlado de longe, sem haver necessidade de fazer viagens. Por outro lado, observamos pessoas que sofrem as consequências das decisões que se tomam, motivadas apenas pelas vantagens económicas. O grito dos excluídos não se ouve diretamente, e o seu rosto somente se percebe à distância. A globalização está a excluir pessoas e a impor modelos de pensamento e de valores. Manifesta-se também através de movimentos migratórios, cada vez mais numerosos, que estão a alterar a geografia humana do nosso mundo. As periferias das grandes cidades convertem-se em zonas difíceis de definir culturalmente e em locais com alto risco de conflitos. A globalização apresenta-se como um fenómeno que tende a nivelar tudo, a partir de parâmetros impostos, que não respeitam as diferenças e excluem os que não se submetem a ela.

Por acaso não notamos também, de algum modo, este fenómeno da globalização na Igreja e na nossa Congregação, que é cada vez mais pluricultural e pluricêntrica? Tanto a Igreja, como a vida religiosa e a nossa Congregação, possuem uma longa experiência de “catolicidade”. Não se pode negar, no entanto, que, no decorrer da história, houve muitas imposições e exclu-

sões. Sentimo-las dolorosamente e tentamos aprender a lição. Construir uma comunhão que integre as diferenças é um grande desafio, proposto às nossas comunidades. Neste exercício paciente e amoroso, aprendemos a linguagem com que podemos exprimir-nos, de uma forma credível, no nosso mundo globalizado. Descobrimos também, neste itinerário, muitos escolhos que devem ser removidos, a fim de sermos capazes de viver e construir uma comunhão integradora.

Em última instância, tudo isto nos vai obrigar a repensar como, com base na nossa vida e nas nossas obras, podemos transformar-nos em parábolas que despertem noutros o desejo da comunhão, que respeita e integra as diferenças. Teremos de ver como a vivência dos votos e a experiência da vida fraterna em comunidade se podem converter em sinais que falem da inclusão e da solidariedade ao nosso mundo globalizado.

1.2. O pluralismo cultural e religioso

Outro fenómeno que questiona a nossa ação missionária é a consciência que tomamos do pluralismo cultural e religioso. Foi precisamente a globalização que colocou em contato permanente uma grande diversidade de culturas e de religiões. Por outro lado, a tentação de tudo nivelar, excluindo o que é diferente, e que caracteriza o processo globalizador, tem produzido movimentos fortes de afirmação por parte das culturas, que exigem respeito e tentam proteger-se, às vezes inclusivamente, com laivos fundamentalistas, quando se sentem ameaçadas por outras que são dominantes.

O diálogo intercultural e interreligioso é tão apaixonante como difícil. A história missionária da Igreja alerta-nos para este facto. A tomada de consciência que temos acerca do pluralismo cultural e religioso suscita questões que nos incomodam. Num

mundo substancialmente marcado pelo pluralismo religioso, assume um novo tom a proclamação da mensagem cristã, de que Deus nos salva em Cristo. Com a chegada de novos paradigmas antropológicos, culturais, sociais e religiosos, a Igreja enfrenta desafios missionários que não existiam anteriormente, novas formas de elaborar as perguntas fundamentais e permite-nos a todos saborear a beleza de outras respostas, que se deram ao longo da história. A experiência da fraternidade universal amplia-se e fortalece-se e, ao mesmo tempo, aprofunda-se o sentido da paternidade/maternidade de Deus. Palmilhando o caminho, ao lado de Jesus, vamos reconhecendo o amor do Pai nas palavras que têm dado sentido e esperança à romagem de tantos irmãos e irmãs nossos. Viver como discípulos de Jesus, para que todos tenham vida, é uma tarefa ingente, que somente se pode tornar credível, partindo de uma gratuidade total. A vida totalmente consagrada a Deus deveria criar nos religiosos uma sensibilidade especial, para saber captar os sinais da sua presença, e um desejo enorme de apoiar as pessoas, que Ele nos envia, através das riquezas das culturas e das Tradições religiosas com quem nos encontramos. Isto faz parte do serviço que prestamos à Igreja.

Porventura, esta nova consciência não estará a exigir-nos saber viajar mais decididamente em faixa dupla? Por um lado, temos de caminhar ao encontro de *Jesus*, “Caminho, Verdade e Vida”, que nos revela o Coração do Pai e nos convida a formar parte da nova comunidade do Reino de Deus, e fazê-lo ao lado dos crentes de outras Tradições religiosas e com as pessoas que têm um universo cultural diferente do nosso. Por outro lado, precisamos de saber ir, *com Jesus e a partir do seu Evangelho*, ao encontro da experiência religiosa e humana dessas pessoas e desses povos, e descobrir neles o rosto misericordioso do Pai, que nos convida a alargar o nosso olhar e nos faculta possibilidades de O conhecer mais profundamente, como Ele realmen-

te é: Pai/Mãe de todos. Tudo isto se deve repercutir no modo de viver a nossa consagração e de orientar a ação missionária.

1.3. O desafio da secularização

Outro dos traços que marca a cultura, há muitos anos, sobretudo em certas regiões do mundo, e de forma expansiva e desenfreada, é a consistente afirmação da autonomia da mentalidade secular. Comentámo-lo diversas vezes, nas nossas reuniões e assembleias. Mais: aludimos até a movimentos de secularização que estão a pôr em causa a religiosidade tradicional e o modo de viver a fé de muitos fiéis. Constata-se, em muitos deles, inclusivamente, o desaparecimento do sentido transcendente da própria vida. É algo que se vem verificando na construção da cultura, num mundo em que Deus já não é necessário, e no qual nem sequer se considera já oportuna a sua presença.

De qualquer modo, a secularização é um processo que tem também a sua vertente positiva: implica o reconhecimento da liberdade, da dignidade e da autonomia do homem e dos seus direitos. A secularização constitui uma soberana oportunidade para purificar a imagem de Deus e a função da vivência religiosa. Depura o religioso da manipulação social, política e ideológica. Situa o que é sagrado e santo no local onde o colocam o Evangelho e a experiência de Jesus. A secularização torna-se, no entanto, negativa, quando impede a abertura a Deus, ao contato com Ele. A partir desse momento, ofusca o horizonte da vida do ser humano e enclausura-o num espaço onde não é fácil experimentar o amor de Deus, que o capacita para amar e enche de sentido e de esperança a vida das pessoas. A secularização tem-nos afetado também a nós, consagrados: não constitui apenas um problema pastoral, mas é também existencial, porque nos invade como o ar que respiramos.

A Vida Consagrada tem vivido a sua relação com o mundo, de diversas formas, nas diferentes épocas da história. Houve, num primeiro momento, a “fuga mundi”; veio depois a vontade de “recriar o mundo”, que se rompera com a queda da ordem social estabelecida e das suas instituições; colocou-se o acento, mais tarde, em “conquistar o mundo” para Cristo, através do envio missionário; as Congregações, lançando mão dos seus carismas, tentaram “prestar serviços ao mundo”; a seguir, procuraram “opor-se ao mundo”, denunciando formas de organização e de domínio que provocavam a exclusão de muitas pessoas, etc. Em cada uma destas formas de relação com o mundo, há um modo peculiar de entender a missão do mundo e a missão da Igreja. A relação com o mundo é um elemento importante, quando se estuda a missão da Vida Consagrada. Comprometer-se com o mundo não é claudicar perante o repto da secularização. A Vida Consagrada procura ser capaz de continuar a lançar perguntas sobre Deus, mas quer e deve fazê-lo de forma a tornar-se inteligível para os homens e mulheres das sociedades secularizadas. A espiritualidade encarnou-se muito mais na vida, e os religiosos compreenderam que a união com o mistério de Deus não se processa apenas nos espaços sagrados, mas onde Deus encarna: ‘Tudo o que fizerdes a um destes pequeninos, a Mim o fizestes’ (cf Mt 25, 31-46).

Tudo isto está relacionado também com a vivência da dimensão escatológica, inerente à Vida Consagrada. Esta é a imagem do mundo futuro: antecipa e visibiliza os bens que esperamos. Quanto mais intensa é a esperança na vida futura, mais nos empenhamos na transformação do mundo presente, de acordo com o plano de Deus. Deste modo, assumimos esta dimensão fundamental da Vida Consagrada.

Sentimos a responsabilidade de saber o que significa para nós o desafio da secularidade: a forma como a nossa vida e as nos-

As atividades apostólicas podem suscitar perguntas sobre Deus e ser um sinal escatológico, superando qualquer tipo de dualismo, que ofusca a verdadeira imagem de Deus e do ser humano. A realidade do nosso mundo convida-nos a procurar uma linguagem capaz de comunicar a riqueza da mensagem do Evangelho, no âmbito da cultura secularizada e nos diversos ambientes culturais em que nos encontramos.

1.4. *A busca de uma verdadeira harmonia*

Fala-se com frequência que a fragmentação é outra das características deste momento cultural, algo que talvez se venha a acentuar naquilo que chamamos cultura pós-moderna. Trata-se de uma característica que se vive na esfera pessoal, comunitária, eclesial e social, com diversos matizes, segundo os lugares. Parece que as certezas que constituíam o centro integrador da vida de uma pessoa ou que davam um forte sentido de identidade aos que faziam parte de um grupo ou de uma comunidade, não resistem aos abanões das novas correntes culturais. Por outro lado, vemos a comunidade humana, desfeita por um cortejo interminável de escandalosas desigualdades, que contrastam com a sede de comunhão que existe no coração de cada ser humano e são causa de violência e morte. Restaurar a harmonia nos diversos setores da vida representa um desafio urgente e motivador.

As diferenças não nos preocupam. Pelo contrário, elas constituem um festival de beleza, porque manifestam a harmonia que Deus nos legou, na hora da criação. Dilacera-nos o coração, no entanto, ver esta harmonia alterada pelo egoísmo e pela cobiça de quem se sente dono do que Deus nos deu para partilhar entre todos. Temos saudades dessa harmonia, que sabe conjugar a diversidade e faz com que todos se sintam participantes da mesma herança, porque a sabem ler com os olhos de

Deus. A vida religiosa constitui também um caminho para reconstruir esta harmonia perdida; isso constrói-se no coração de cada um de nós, nas relações entre as pessoas e os povos, na experiência jubilosa de formar parte deste universo maravilhoso, que saiu das mãos de Deus e onde todos nós sentimos a necessidade dos outros. Colocar-nos ao serviço desta harmonia é um modo de viver a nossa vocação no mundo. Devemos, no entanto, recordar que a verdadeira harmonia edifica-se a partir dos alicerces; surge, quando os “excluídos” se sentem “incluídos”, e quando a justiça e a fraternidade alimentam a vida diária. Sabemos que a verdadeira comunidade cristã é aquela em que os pequenos ocupam o lugar central e que, por isso, é capaz de viver em perfeita harmonia (cf. Mt 18, 1-5).

É urgente escutar e integrar, nas nossas reflexões e nas tarefas missionárias, a vida integral das pessoas e dos povos, concedendo especial atenção aos que sofreram ou sofrem a exclusão, ou se veem condenados a viver no meio de situações violentas. Este processo de imersão nas diversas frentes e no diálogo com estas pessoas e grupos humanos lança novas perguntas e abre novos horizontes à nossa ação missionária. Requer uma nova linguagem e obriga-nos a procurar, em cada local, a melhor forma de colocar, ao serviço da vida do povo e da Igreja, o carisma da Vida Consagrada, o de cada Instituto, e também o nosso.

Cada continente e cada povo manifesta as riquezas da sua sabedoria, e as aspirações em relação ao futuro; transporta também as feridas da sua história, que passou por fases violentas e que criou diversos tipos de exclusões, que continuam a ensombrar a realidade. Alguns povos sofrem, de forma escandalosa, as consequências da injustiça existente no mundo. Tudo isto nos questiona e requer que busquemos caminhos para restaurar a primitiva harmonia.

2. ABRINDO CAMINHOS PARA O FUTURO

Ao convidar-vos a todos para uma reflexão conjunta, vou tentar apresentar alguns indícios que nos ajudem a identificar os caminhos de futuro, de modo a darmos, como religiosos, uma resposta verdadeiramente missionária aos desafios que já identificámos. De acordo com esta perspetiva, procurarei, nas linhas seguintes, identificar as características da nossa missão claretiana, no contexto atual. Cada um destes indicadores do futuro suscita em mim uma série de perguntas que quero partilhar também, porque creio que nos preparam para assumir, mais consciente e radicalmente, as exigências do nosso carisma missionário, no momento histórico que nos é dado viver.

2.1. Aprofundar a dimensão teologal da nossa vida é a nossa primeiro contributo dado à missão.

Perante os desafios que nos apresenta a realidade, sentimo-nos verdadeiramente pequenos. Nalgumas regiões, constatamos como o número de religiosos e religiosas está a diminuir notavelmente. Verificamo-lo também em muitas zonas da Congregação. As previsões para o futuro são, além disso, bastante preocupantes. Por outro lado, parece que é irrelevante a nossa presença nas sociedades que alcançaram um notável nível de progresso económico e de bem-estar social. Os serviços, que prestamos com as nossas obras, são oferecidos também por outros, e com boa qualidade. Há inumeráveis plataformas que ajudam os jovens a pôr em prática, concretamente, os seus ideais de voluntariado e de empenhamento em tornar o mundo diferente. Em locais de presença mais recente, por parte das Congregações religiosas, estão a repetir-se os esquemas de missão de antanho, e, se ali surgisse alguma mudança social e cultural, acabariam de igual forma. Pergunto-me, então: qual é, pois, o sentido da nossa missão? Ao perfilharmos esta interro-

gação, sentimo-nos obrigados a voltar ao ponto central da nossa vocação e a recuperar a dimensão teologal que dá sentido à nossa vida e a tudo o que fazemos. Ancorados em Deus e no seu projeto, estamos equipados para descobrir a forma de verificar a importância das nossas atividades e obras, num mundo que pensa poder prescindir d'Ele, ou que pretende, pelo contrário, manipulá-l'O, às vezes.

A experiência de Deus aproxima-nos da zona mais íntima da pessoa; obriga-nos a escutar os seus gritos e a sentir-nos solidários com as suas preocupações; torna-nos discretos no acompanhamento e ajuda-nos a valorizar a riqueza das respostas que seres humanos vão encontrando pelo caminho. A experiência de Deus obriga-nos a avizinhar-nos dos pobres e excluídos, convida-nos a ser seus companheiros de rota e cria dentro de nós espaços de liberdade, indispensáveis para rever a nossa vida e as nossas obras, a partir da situação deles. A experiência de Deus desperta em nós uma nova consciência ecológica e cósmica, que nos mantém solidários com toda a Criação e respeitadores dos dinamismos que o Criador inseriu na sua obra. Uma profunda experiência de Deus afina a nossa sensibilidade, para sabermos captar a sua presença na vida das pessoas e das culturas, e nos colocarmos ao seu serviço. Faz-nos menos dogmáticos, e mais servidores. A experiência de Deus é a única força capaz de suscitar a esperança, que se mantém viva apesar das dificuldades e é sempre dinamizadora de um compromisso em favor da vida.

Esta experiência de Deus acontece sempre num contexto concreto e, por isso, enche-nos das interrogações e questões que Ele suscita. Neste sentido, torna-nos solidários com as dúvidas e as buscas dos demais e convida-nos a partilharmos humildemente a nossa própria experiência.

O primeiro contributo a dar à missão da Igreja será, pois, aprofundar a dimensão teológica das nossas vidas. A reflexão sobre a Vida Consagrada insiste nesta dimensão fundamental, que não se refere apenas ao âmbito da espiritualidade, mas tem uma influência decisiva na vida missionária das nossas comunidades e nas atividades dos nossos Institutos.

Nós, os religiosos, somos solicitados a fazer uma reflexão aprofundada sobre a experiência de Deus e sobre a forma como ela modela as nossas vidas e se exprime concretamente na nossa vertente apostólica. Vendo o mundo a partir de Deus, escutando atentamente o que dizem os nossos companheiros e companheiras de caminhada, neste momento da história, interrogamo-nos: *Que aspetos deveríamos privilegiar, a fim de dar verdadeira relevância, no sentido evangélico, aos nossos projetos missionários, nos diversos contextos em que vivemos e trabalhamos? A nossa vida e as nossas atividades apostólicas são capazes de suscitar, hoje, perguntas sobre Deus e acompanhar outros na experiência do seu amor, que liberta e enche de esperança?*

2.2. O diálogo como lugar específico da missão

É indispensável transitar de uma mentalidade, que considera o diálogo apenas como um “método”, para o desempenho da missão, em que se vê o diálogo como o seu “lugar próprio”. Isto pressupõe, antes de mais, colocar a vida do povo no centro das nossas preocupações. Exige inserir-se totalmente nas perguntas que povoam a mente das pessoas, e buscar, juntos, as respostas que podem dar sentido a esta fase histórica. Fazemo-lo, levando no coração, nas ações e nas palavras, a mensagem de Jesus, sabendo que Ele primeiramente escutou e fez parte da história do seu povo, da história da humanidade. É um “diálogo de vida”, que sabe ouvir e sintonizar, e que vai descobrindo a palavra que pode e deve ser pronunciada em

cada momento, de modo que se converta verdadeiramente em portadora de vida.

Um diálogo sincero implica atenção à realidade, análise e reflexão. Exige preparação e requer estar aberto aos pareceres de outras ciências e correntes de pensamento, num esforço de interdisciplinaridade, que lhe dá consistência. Não se pode levar a cabo, sem uma profunda humildade, reconhecendo as próprias limitações e tornando-se sensível às perguntas e às atitudes dos outros. Requer transparência e sinceridade: não nos interessa ampliar o nosso âmbito de poder ou de influência, mas caminhar juntos para a realização do sonho que o Abbá tem para os seus filhos e para toda a criação. Trata-se de um diálogo que não poderá fazer-se, se não houver, dentro de cada um de nós, a profunda convicção de que ele é possível somente com a experiência concreta do encontro com Jesus. N'Ele, encontramos a Palavra da Vida, que nos enche de esperança.

É um diálogo que nos desloca do sítio habitual, em direção a quem vive no seio de outras Tradições religiosas, a quem tem outros projetos de vida, outro rol de preocupações, esperanças e lutas. Afasta-nos do centro de nós mesmos, para dirigir primordialmente a nossa atenção para a vida e a realidade do mundo; e, deste modo, curiosamente, nos vai inserir muito mais no plano de Deus para com os seus filhos e nas “coisas do Pai” (cf. Lc 2,49).

O diálogo exige que vivamos atentos às surpresas do caminho e requer criatividade. A Vida Consagrada e cada um dos Institutos que a constituem sabem que contam com um património maravilhoso. São muitos séculos de experiência, no anúncio do Evangelho. Esta é precisamente a herança, que nos dá segurança e serenidade para entrar num diálogo aberto e sincero.

Mas, estamos conscientes da necessidade de cultivar uma nova linguagem, que seja capaz de transmitir a riqueza permanente e imensa da mensagem evangélica? Temos uma Palavra a comunicar: a do Verbo de Deus, que se fez homem e que é “Caminho, Verdade e Vida”. É uma Palavra criadora e portadora de vida, que devemos continuar a escutar e a descobrir em todas as ressonâncias do coração das pessoas e da vida dos povos. É uma Palavra que meditamos, vivemos e anunciamos em contextos muito diferentes, durante muitos séculos. Isto nos habilita para continuar a procurar novas formas de expressar e comunicar. Sentimos necessidade de falar, de uma forma nova e mais compreensível, às pessoas com quem partilhámos a tarefa de construir a história, hoje: uma linguagem que seja capaz de tocar o seu coração. Sabemos que ela só pode nascer, através de um diálogo sincero e mútuo, apoiando as suas lutas e conquistas, as suas interrogações e respostas.

Este diálogo irá suscitar novas perguntas, criar-nos-á algumas perplexidades e exigir-nos-á a pesquisa contínua de novos caminhos. Mas ajudar-nos-á também a encontrar novas formas de exprimir a força de testemunhar um mundo “alternativo” que os votos possuem – na linha do coração do Pai – e a criar novos dinamismos de vida comunitária, capazes de anunciar, com maior veemência, a novidade do Reino. Tornará missionária toda a nossa vida.

Que eco desperta em nós as situações e as experiências de tantas pessoas que encontramos pelo caminho? Quando descobrem quem somos e nos questionam, convidam-nos a quê? Que projetos novos e que estratégias nos está a exigir o contexto do pluralismo religioso e cultural, que caracteriza tão acentuadamente a situação do mundo atual?

2.3. A opção pelos pobres e excluídos, e pela justiça

Quem é chamado a ser testemunha das Bem-aventuranças, e sinal do projeto de Deus para os seus filhos, sente-se profundamente interpelado pelas situações de injustiça e de exclusão, tão frequentes no nosso mundo. A opção pelos pobres e o compromisso com a justiça foram incorporados pela Vida Consagrada na sua vida e reflexão teológica. Trata-se de uma opção inerente à dinâmica do amor vivido, segundo Cristo. O desafio lançado à Vida Consagrada consiste em comprometer-se na promoção da justiça, a partir da própria identidade, assumindo, portanto, a revisão constante das nossas opções de vida, do uso dos bens e do nosso estilo de relações.

Surge aqui também o desafio do compromisso sociopolítico. A dimensão política do amor cristão, que busca a transformação das estruturas para que se faça justiça aos oprimidos, é algo que está a adquirir contornos mais precisos na consciência eclesial, na Vida Consagrada e na reflexão da Congregação. Queremos efetivar o compromisso pela justiça, graças ao nosso estilo de vida e à ação apostólica que toque nas raízes do domínio e das opressões, e procure criar condições que permitam o nascimento e a consolidação de um mundo verdadeiramente inclusivo, onde ninguém fique à margem da fraternidade humana. Joga-se aqui, em parte, a credibilidade do anúncio evangélico. Um compromisso deste tipo só se pode manter com a liberdade interior, que a entrega absoluta e definitiva a Deus e ao seu projeto de salvação criam. É um empenhamento que nos leva a descobrir novos horizontes, na vivência da consagração religiosa.

Constatámos tudo isso, na situação que tivemos de atravessar nestes últimos tempos. Talvez nunca como agora a palavra “crise” tenha aparecido tão repetidamente citada nos meios

de comunicação social, e quase nunca os seus efeitos foram sentidos tão fortemente na vida do povo. A crise económica está a despertar a atenção dos governos e dos analistas e tem-se convertido numa espécie de atmosfera hostil, difícil de respirar e impossível de remover. Nos lugares onde vivemos e trabalhamos, tem encontrado ressonância concreta e tem condicionado a vida das pessoas e das comunidades. Os tempos de crise são difíceis, mas fazem emergir perguntas fundamentais sobre os valores e as estruturas que dominam as nossas sociedades, e dão lugar, simultaneamente, a novas propostas, que apontam para modelos de relações, entre as pessoas e os povos, mais justos e inclusivos. Nós, os religiosos, encontramos inevitavelmente mergulhados nesta dinâmica, embora, por vezes, excessivamente protegidos pelas nossas instituições.

Já que acreditamos em Deus e desejamos fazer da fidelidade ao seu projeto o fio condutor da nossa vida, sentimo-nos fortemente interpelados por estas situações. A Palavra de Deus, ponto de referência fundamental da nossa vida, questiona-nos constantemente neste sentido. Não podemos esquecer, no entanto, que a Palavra de Deus tem uma chave hermenêutica clara e que, sem a assumir, a sua leitura não chega a tocar verdadeiramente o cerne da vida. Esta chave é o amor que Deus dedica aos seus filhos, é a paixão de Deus pelos pobres, o apego que marca indelevelmente a vida de Jesus: “Evangelizare pauperibus misit me” (cf. Lc 4,18). Uma chave, que se atinge somente quando nos aproximamos da situação dos empobrecidos e excluídos, e abrimos o coração e todas as dimensões da vida às perguntas que ela provoca. A nossa vida e a nossa palavra não terão capacidade de anunciar o Evangelho nem possuirão poder transformador, se não nos aproximamos destas realidades, que nos inserem, de novo, no ponto nuclear do projeto de Deus em relação aos seus filhos. Renovar a opção pelos pobres e excluídos, e pela justiça, é uma condição indispensá-

vel para sermos fiéis à nossa missão. Será de suma importância manter projetos que estejam realmente ao seu serviço e colaborar, com outras pessoas que sonham um mundo diferente, no sentido de criar espaços de fraternidade e de autêntica liberdade, onde Deus seja verdadeiramente glorificado.

São muitas as iniciativas de toda a ordem, que estão sendo levadas a cabo nesse sentido. De fato, os testemunhos dos religiosos que, apesar das dificuldades e das ameaças à própria vida, acompanham as situações de exclusão e de pobreza são uma das expressões mais poderosas e inteligíveis que a Igreja está a debitar. As suas vidas não só transmitem uma mensagem de solidariedade e de generosidade, mas são capazes de suscitar perguntas sobre o Deus que as inspira. Por outro lado, tornam-se cada vez mais numerosas as presenças de Institutos e Congregações religiosas nos foros sociais e políticos, onde se emitem decisões que afetam a vida de milhões de seres humanos: nos diversos âmbitos da Organização das Nações Unidas, no Fórum Social Mundial, etc. São presenças que traduzem, em novas linguagens, o compromisso pela justiça, que é parte essencial do projeto evangelizador.

De que forma se repercute, no nosso estilo de vida e nas nossas opções apostólicas, a opção pelos pobres e pela justiça? Sentimo-nos interpelados pelos problemas da humanidade e das pessoas que vivem ao nosso lado? Quais seriam os âmbitos privilegiados para manifestar hoje, como religiosos, esta dimensão fundamental do compromisso evangelizador da Igreja? Como dar maior consistência ao compromisso pelos pobres e pela justiça?

2.4. Repensar a localização das nossas Obras

Decidir “onde estar” e “como permanecer, onde devemos estar presentes”, é um difícil exercício de discernimento. Não se pode solucionar esta questão com um punhado de critérios estratégicos, que tentem garantir apenas a continuidade da Instituição ou o seu desenvolvimento numérico ou geográfico. Supõe, antes de mais, tomar consciência da própria identidade, num contexto concreto, e ter a liberdade, a sabedoria e a audácia de adequar as presenças e a sua modalidade às exigências que ali se descortinem.

O carisma da Vida Consagrada tem uma dimensão profética. Afirma-o claramente a “Vita Consecrata” (cf VC 84). Este profetismo revela-se através da vivência fiel da consagração e da generosa entrega à missão. Na proposição ‘24’ do Sínodo sobre a “Palavra de Deus na vida e missão da Igreja”, há uma referência à Vida Consagrada, em que se sublinha a vocação missionária de fronteira: a Vida Consagrada – diz – tem-se situado sempre nas fronteiras geográficas, sociais e culturais da evangelização. É algo que muitos Institutos demonstram com sua história missionária e com a criatividade com que têm procurado responder aos desafios que encontram pela frente.

Qual deverá ser o nosso lugar específico, como vida religiosa, neste momento concreto da história do mundo e da Igreja? A herança carismática de cada Instituto tem uma palavra importante a dizer neste capítulo. Deverá deixar-se interpelar pelo projeto espiritual do Fundador ou da Fundadora, que os levou a manifestar o compromisso pelo Reino de Deus, de uma forma determinada. Deverá saber discernir bem os elementos permanentes do carisma e a sua expressão concreta na história e nos diversos contextos geográficos e culturais, que fazem parte da vida do Instituto. Mas será preciso, também, uma renovada

reflexão sobre a vida e a missão da Igreja, e sobre a articulação dos diversos carismas, ministérios e diferentes formas de vida cristã. Todos eles são dons que o Espírito suscita, para incrementar a vida e a missão da Igreja, de acordo com o projeto de Deus. Aprofundar a reflexão sobre a identidade da Vida Consagrada, no âmbito de uma eclesiologia de comunhão, ajudar-nos-á a definir melhor os traços que definem a colaboração específica do carisma, no conjunto da comunidade eclesial, e alimentará em nós as atitudes de complementaridade e reciprocidade, que permitam um crescimento harmónico de toda a comunidade cristã.

Neste sentido, convém estudar bem a nossa posição geográfica, dentro da Igreja universal e das igrejas particulares. É frequente ver como, perante a crescente escassez de clero, a originalidade dos carismas se encontra mais preocupada com a necessidade de manter as estruturas pastorais e serviços, que não são precisamente a melhor expressão dos dons que o Espírito quis conceder à sua Igreja, através dos fundadores e fundadoras, e das comunidades que surgiram ao seu redor. É algo que aparece, mais visivelmente, no caso das Congregações clericais, como a nossa. Não se trata de colocarmos à margem atividades apostólicas, necessárias ao crescimento na fé da comunidade cristã e ao desenvolvimento mais dinâmico da sua missão. Visa apenas perguntar-nos se este lugar surge, por falta de criatividade para dar nova expressão ao carisma do Instituto; e permitir que, desta forma, se continue a fecundar a vida da Igreja e a fortalecer a sua missão no mundo. Não podemos deixar sem resposta os apelos lançados à presença a ter nos novos areópagos da missão, tão veementemente repetidos pelo Papa João Paulo II. Este é um tema que deveremos enfrentar com audácia, para poder dar respostas apostólicas verdadeiramente significativas e discernir a localização que nos toca, no conjunto da vida e missão da Igreja.

Que significa, concretamente para nós, esta vocação de fronteira que se atribui à Vida Consagrada? Quais seriam os locais mais adequados à Vida Consagrada, no conjunto da vida eclesial e, sobretudo, na sua vertente missionária? Onde encontramos as maiores dificuldades, quando pomos em questão as mudanças de lugares, que consideramos indispensáveis?

2.5. Avançar no caminho da colaboração intercongregacional e da missão partilhada

O nosso tempo é tempo de sinergias. Os processos de globalização estão a impor este parâmetro, nos diversos âmbitos da vida e da atividade humana. A complexidade das situações e a complementaridade dos saberes convertem em necessidade aquilo que antes era apenas uma opção entre muitas.

Vimos como o pessoal dos nossos Institutos diminuiu sensivelmente nalgumas partes do mundo e, por outro lado, os processos de globalização lançam novos reptos, a que os Institutos dificilmente conseguem dar uma resposta significativa. Chegou o momento de encetar, de forma audaz, o caminho da intercongregacionalidade. Os foros de reflexão conjunta e os espaços de colaboração entre os Institutos religiosos, que criámos durante os últimos anos, produziram frutos abundantes. Agora, seria o momento de dar um passo mais e iniciar uma nova etapa na colaboração intercongregacional, idealizando iniciativas evangelizadoras que possam oferecer respostas mais capazes aos variados desafios que nos apresenta o mundo de hoje. Algumas experiências estão já a revelar as potencialidades desta opção.

Isto vai requerer uma reflexão sobre a interação dos carismas e a sua encarnação concreta nas atividades que caracterizaram a vida dos Institutos, ao longo da sua história. Provavelmente

exigirá novos modelos de organização comunitária e de governo. O horizonte de uma mais estreita colaboração intercongregacional obrigar-nos-á a introduzir também outros elementos nos processos de formação inicial e contínua, que preparem os formandos para este tipo de experiência. Deveremos estimular o crescimento da comunhão entre os que alinham no mesmo projeto e, ao mesmo tempo, assegurar a consolidação de cada um, na identidade própria da família religiosa a que pertence. São novos desafios que podem enriquecer o património espiritual de cada Instituto e da Vida Consagrada, em geral. Certamente vão fornecer um novo impulso à projeção missionária da Vida Consagrada. Vai exigir muita clareza na elaboração dos projetos, com processos de discernimento que serão enriquecidos com a sensibilidade característica de cada Instituto implicado.

Este aspeto prende-se com o tema da “missão partilhada”. Abre-se, assim, no âmbito da missão, um espaço importante de colaboração com os leigos, especialmente com aqueles com quem partilhamos a mesma herança carismática. Com eles queremos empenhar-nos, num processo que começa por olharmos juntos a realidade, com uma visão enriquecida com as perspetivas específicas de quem vive a sua vocação cristã como consagrados e as de quem a vive como leigos. Sabemos que estes põem em destaque a índole secular, e os religiosos a índole escatológica da missão da Igreja. Os leigos acentuam, na comunhão eclesial, o valor que possuem, no plano de Deus, as coisas com que se debatem diariamente: o trabalho, a família, a política, etc. Os religiosos convertem a vida em sinal de que, mesmo reconhecendo a grandeza de todas estas coisas, o fundamental está para além disso; de que não podemos viver centrados nas “coisas de Deus”, esquecendo o “Deus de todas as coisas”.

É importante dar-se conta da relevância que tudo isto tem para a missão da igreja e da Vida Consagrada, que nela se insere. Neste caminho de colaboração, de “missão partilhada”, vamos aprendendo a lançar mão da linguagem da inclusão, que nos tornará sinais mais visíveis e inteligíveis da mensagem que devemos anunciar.

Que nos falta para empreender, com maior audácia, o caminho da colaboração intercongregacional? Que projetos poderíamos perfilhar, com maior facilidade, no roteiro da colaboração intercongregacional?

III.

A NOSSA MISSÃO CLARETIANA, HOJE

O discernimento sobre o modo de expressar hoje a nossa missão tem sido um dos pontos centrais de reflexão e discernimento, tanto nos Capítulos Gerais como nos Capítulos e Assembleias das Províncias e Delegações. Tudo isso é natural, se levarmos em conta o que nos dizem as Constituições: “Pela profissão dos conselhos evangélicos, através de votos públicos, entregamo-nos a Deus e somos por Ele consagrados, constituindo na Igreja um Instituto verdadeira e plenamente apostólico” (CC 5); “Devemos ser na Igreja auxiliares ativos dos Pastores no ministério da Palavra, utilizando todos os meios ao nosso alcance para estender a Boa Nova do Reino” (CC 6). São expressões que aparecem na Constituição fundamental e que encontram eco no capítulo VII da primeira parte, sobre a nossa missão. No número 48 insiste: “Para desempenharem esta missão, utilizem os Missionários todos os meios ao seu alcance” (CC 48) e indicam, em seguida, algumas características que devem definir o nosso estilo evangelizador. Fala do sentido de percepção, de disponibilidade e de catolicidade.

A expressão “todos os meios ao nosso alcance” tem constituído sempre um dos temas favoritos de discussão nos fóruns congregacionais. Por um lado, é verdade que abre um leque amplo de potencialidades para o serviço evangelizador da Congregação; mas, por outro, pode levar-nos a criar uma enorme dispersão no projeto missionário do Instituto que se torna, certamente, negativa. É importante esclarecer o sentido desta expressão claretiana, para se poder elaborar devidamente o projeto missionário da Congregação, de cada uma das

Províncias e Delegações, e das comunidades. Penso que a expressão “todos os meios ao nosso alcance” é como um embrião de profecia permanente, que o Fundador deixou semeado no coração da Congregação. Obriga-nos a estar sempre muito atentos aos sinais dos tempos, para que a nossa palavra – que é também gesto, ação, livro, presença, etc. – tenha capacidade profética. Exige que estejamos muito abertos à Palavra de Deus e deixar que seja essa luz a iluminar a nossa leitura da realidade e a busca dos caminhos de comunicação do Evangelho. Compromete-nos a um sério caminho comunitário de discernimento, que defina os programas e estruturas apostólicas que devem dar saída operativa ao projeto missionário. Assim evitaremos a dispersão, que debilita o sentido de identidade congregacional e serve para alguns justificarem compromissos que não têm nada a ver com a vivência do carisma missionário claretiano. Na história congregacional, podemos verificar um verdadeiro desdobramento da criatividade missionária, que vai abrindo novos campos e não cessa de criar estruturas novas de evangelização, a partir das orientações que surgem dos diversos foros congregacionais e do discernimento e decisões dos órgãos de governo do Instituto.

Que características deveriam, hoje, definir o serviço missionário da Congregação? A partir das orientações dos últimos Capítulos Gerais, que recolhem sempre o fruto de um discernimento feito pelos Claretianos, amplamente participado, creio que podemos identificar quatro delas, que nos devem ajudar a imprimir um timbre carismático aos nossos apostolados e orientar-nos no momento em que selecionamos as presenças e as estruturas apostólicas. Creio que fazem parte precisamente do novo horizonte missionário para a Vida Consagrada, que procurei apresentar na segunda parte desta carta.

Antes, porém, quero sublinhar dois aspectos, que considero fundamentais em relação à missão claretiana. O primeiro é a necessidade de abraçar generosamente a vocação da Vida Consagrada, que se situa nas *fronteiras da missão*. Já mencionei antes: quem tudo depôs nas mãos de Deus, para poder ser um instrumento válido na construção do seu Reino, não deve duvidar em transferir-se para as fronteiras geográficas, sociais e culturais da evangelização. São lugares que requerem liberdade interior, que a consagração religiosa e o apoio constante da comunidade presenteiam. A Igreja lança aos religiosos e religiosas esta provocação de se deslocarem para locais onde o Evangelho ainda não foi anunciado; para serem testemunhas do amor de Deus, através de uma presença comprometida e solidária com aqueles ambientes da sociedade onde as feridas da exclusão e da injustiça se sentem mais dolorosas; para entrarem num diálogo sincero e aberto com quem influi, de várias formas e a partir de diversos âmbitos, na configuração da cultura do nosso mundo. Estar disposto a assumir esta vocação de fronteira pressupõe uma profunda espiritualidade e exige um generoso sentido de itinerância missionária. Consideramo-nos interpelados por esta vocação de viver na fronteira missionária? O que é que nos causa medo ou nos mantém reticentes?

Juntamente com isso, não podemos esquecer o que andamos a repetir há imenso tempo e que o Magistério da Igreja nos recorda insistentemente, a nós religiosos: a necessidade de viver a *dimensão profética, inerente à Vida Consagrada* (cf VC 84). É uma dimensão que deve encontrar eco concreto na nossa vida e na nossa atividade apostólica. A Vida Consagrada é “uma palavra profética” para a Igreja e para o mundo. “Profética” é uma palavra, – e quando dizemos “palavra” referimo-nos a tudo aquilo que é capaz de comunicar uma mensagem – que está tão fortemente enraizada na Palavra de Deus e tão

profundamente imersa na paixão de Deus pelos seus filhos e filhas, que é capaz de suscitar uma mudança radical, “de acordo com o coração do Pai”. A Vida Consagrada é profética, quando não deixa indiferente quem entra em contato com os religiosos e atividades apostólicas que estes desenvolvem. É profética, quando é capaz de convidar as pessoas à conversão, isto é, a ver a realidade a partir de Deus, e a construir o seu projeto de vida, fundamentando-se nos valores do Reino. É profética, quando dentro da Igreja é memória viva da “comunidade de Jesus” e do que a define. É profética, quando se esforça por ser, no mundo, um elemento de mudança para uma sociedade mais justa e fraterna, que todos desejamos e que os profetas proclamaram repetidamente como “vontade de Deus”. Quem experimentou o poder transformador da presença de Deus e da sua Palavra, na própria vida e na da comunidade, está vocacionado para se colocar ao serviço desta “palavra profética”.

Também nós, missionários claretianos, estamos convocados para fazer parte desta presença profética, nas fronteiras da missão. Esta deve ser sempre a nossa preocupação principal. Com base na missão profética, teríamos que definir as nossas posições, o nosso estilo de vida e os nossos projetos. Não nos faltará nunca a ajuda de Deus. Penso que também não nos faltarão vocações, se formos capazes de assumir, com audácia e generosidade, estes desafios. Nesta perspetiva e somente a partir dela, conseguiremos encontrar os meios adequados para cumprir a nossa missão, na linha do ideal missionário que nos quis legar o Padre Fundador. Evitaremos a dispersão e o ideal missionário renascerá nos nossos corações e nas nossas comunidades. Estaremos em sintonia com Maria que, no Magnificat, nos deixou a Carta Magna de uma evangelização verdadeiramente profética.

1. ALGUMAS CARATERÍSTICAS DA MISSÃO CLARETIANA, HOJE

Ao refletir sobre as características da missão claretiana hoje, aproveito para retomar algumas ideias que já escrevi na Carta Circular, publicada a meio do sexénio anterior⁴. Aborda aspetos que devem ser aprofundados e assimilados, para que se tornem vida em cada um de nós e nas nossas comunidades e Obras apostólicas. Estes traços, que apresento como características da nossa missão, vão-nos ajudar a imprimir um estilo apostólico próprio – o que não quer dizer que não possa ser semelhante ao de outros – e abrir horizontes, para os quais devemos orientar prioritariamente os nossos esforços e onde devemos posicionar as nossas novas presenças.

1.1. *Missão partilhada*

A missão inclui a colaboração como nota fundamental. A missão não é propriedade exclusiva de ninguém; pertence a Deus, que derrama o seu amor sobre todos os homens: é participação da “Missio Dei” (HAC 58). A diferença de carismas é somente uma potencialidade para exprimir melhor a riqueza desta missão, que nasce de Deus e é veículo do seu amor para com todos. A missão é, essencialmente, “missão partilhada”.

Só partindo desta perspetiva, podemos tratar do tema da missão partilhada. A nossa maneira concreta de a viver e de identificar as atitudes e mecanismos que nos ajudam neste objetivo deve estar enraizada numa visão de Igreja, em que os carismas, ministérios e formas de vida se sintam devedores uns aos outros. Deste modo, através da experiência da comunhão, todos crescem no desejo sincero de aprofundar o seguimento de Jesus, segundo a vocação que cada um recebeu, e de servir

⁴ TESTEMUNHAS E MENSAGEIROS DO DEUS DA VIDA. Roma, 31 de maio de 2006.

a causa de uma humanidade mais justa e fraterna, onde se sinta respeitada totalmente a dignidade de cada um, e não haja excluídos; isto é, onde Deus seja verdadeiramente glorificado. Recordava-nos o documento do XXIII Capítulo Geral: “A glória de Deus, que figura como objetivo fundamental da Congregação (cf CC 2) é que o homem viva (Ireneu de Lião), que o pobre viva (Oscar Romero), que a natureza viva (Paulo de Tarso)”⁵.

Existem diversos âmbitos, nos quais devemos encarnar a experiência da missão partilhada.⁶

Podemos apelidar o primeiro âmbito de global, pois coloca-nos numa dinâmica de colaboração com todas as pessoas que, motivadas por Tradições religiosas diversas ou guiadas por outras filosofias humanistas, trabalham por um mundo mais justo e solidário e por uma forma de viver que respeite a harmonia da Criação. Neste campo, não somos, normalmente, os protagonistas principais. Tornamo-nos simplesmente “mais um” e, por isso, a experiência converte-se frequentemente numa escola importante, que ajuda a desenvolver as atitudes necessárias para exercer uma verdadeira “missão partilhada”. Esta dimensão vem recomendada pelas Constituições: “Partilhando as esperanças e as alegrias, as tristezas e as angústias dos homens, sobretudo dos pobres, procuremos oferecer estreita colaboração a todos os que buscam a transformação do mundo, segundo o desígnio de Deus” (CC 46).

Um segundo âmbito é o eclesial. Nele vivemos a experiência da missão partilhada em dupla dimensão: a universal e a particular.

⁵ PARA QUE TENHAM VIDA. Documento do XXIII Capítulo Geral, n.8.

⁶ Sobre o tema da “missão partilhada”, recomendo uma nova leitura do livro que compilou o trabalho do simpósio que a Prefeitura de Apostolado organizou em Guatemala, em 2005, sobre este tema. FAZER COM OUTROS, Editorial Ave Maria, 2006.

Como religiosos, crescemos no seio da comunidade cristã, relacionando-nos com os Bispos, os Presbíteros e outros ministros ordenados, os membros dos Institutos de Vida Consagrada e os leigos. A seu lado, sentimo-nos enviados e procuramos dar uma resposta audaz e generosa ao chamamento do Senhor, que nos convida a sermos suas testemunhas no mundo. Estamos disponíveis ao serviço da Igreja universal, mas comprometidos sempre na caminhada de uma Igreja particular. Quando nos abrimos à experiência de vida cristã dos que receberam uma vocação diferente na Igreja, conseguimos compreender melhor a beleza do caminho que Deus nos apontou e enquadrá-lo bem na harmonia do corpo eclesial.

Um terceiro âmbito é o da nossa família carismática. É nele que vivemos com mais frequência a missão partilhada, tanto dentro da nossa Congregação como no relacionamento com as demais famílias religiosas ou grupos laicais, que se sentem, de algum modo, herdeiros do carisma com que Deus agraciou a sua Igreja, através do nosso Fundador. Neste âmbito, as experiências e as potencialidades da missão partilhada adquirem uma tonalidade mais íntima e real. Por um lado, é preciso saber organizar a nossa comunidade religiosa em torno da missão, permitindo que esta marque as diversas dimensões da sua vida: a oração comum, a programação e a avaliação das atividades apostólicas que dão vida a essa missão, o planeamento da economia e o ritmo diário da vida da comunidade. Por outro lado, temos a possibilidade de viver a riqueza do carisma do Fundador em comunhão com outras pessoas que se sentem inspiradas pelo mesmo, sejam elas membros de Institutos religiosos que têm algo a ver com o Fundador, de forma direta ou através de posteriores mediações, ou eventualmente leigos. Constituímos, com eles e elas, uma Família carismática.

Neste âmbito carismático, são muitas as manifestações e articulações que provêm da missão partilhada. Diferentes serão também os graus de compromisso dos que fazem parte do projeto missionário. Cada um terá as suas exigências e condicionará a nossa forma de organizar, não só as Obras apostólicas, mas também a nossa comunidade. Creio que esta experiência de missão partilhada, embora tenha estado sempre presente na história das Ordens e Congregações religiosas, aumentou enormemente, depois do Concílio Vaticano II. Mudaram as referências eclesiológicas que nos permitem exprimir agora, com mais plenitude, o que os Fundadores intuíram.

É verdade também que um dos fatores decisivos, que nos levou a redescobrir a importância deste ponto, foi a diminuição do pessoal da Congregação, que se reflete especialmente em muitas Obras importantes, que se encontram hoje sem o pessoal claretiano que as havia orientado até agora. Em todo caso, trata-se de uma oportunidade para aprofundar a reflexão sobre este tema e consolidar uma proposta válida que sirva de guia aos novos projetos missionários que se elaboram em regiões com abundância de vocações.

Parece-me importante distinguir três modelos de implementação da missão partilhada no âmbito da Família carismática, a partir do grau de participação dos leigos.

Um primeiro modelo é aquele que integra religiosos e leigos na mesma comunidade. Trata-se de uma modalidade que pode assumir diversas expressões. Nalguns casos, especialmente nas regiões denominadas tradicionalmente como “missões”, partilha-se a vida de comunidade na mesma casa, ou no mesmo “campus” de missão, com base num projeto comunitário que marca o funcionamento das diversas dimensões da vida do grupo (oração, responsabilidades, economia, dinâmicas comuni-

tárias), e num projeto pastoral que especifica os objetivos da atividade apostólica, os critérios de funcionamento e as linhas de ação para os levar a cabo. Muitas vezes, no entanto, não se aplica a “vida comum”, mas um projeto comunitário que reúne periodicamente os membros do grupo para partilhar a oração, crescer na compreensão e vivência do carisma que inspira esta mesma experiência, propiciar momentos de aprofundamento das relações entre as pessoas que formam o grupo, planejar e avaliar as Obras que se estão a realizar. Em ambos os casos e com as devidas diferenças, isto exige:

- a. *Um processo sério de formação*, que permita assimilar bem o carisma, em volta do qual se reúne o grupo e que inspira a Obra que se leva a efeito.
- b. *Dinamismos comunitários*, que ajudem a consolidar as relações entre os membros do grupo, o mútuo crescimento na fé e na espiritualidade própria da Família carismática e o compromisso com o projeto missionário.
- c. *Séria elaboração do projeto missionário*, que inclua a análise da realidade, a definição das opções e estratégias, a realização das ações necessárias para o levar a cabo e o esclarecimento das responsabilidades que toca a cada um, na sua execução.

A experiência de fraternidade do grupo é já, em si mesma, um anúncio eloquente e credível das novas relações que surgem entre as pessoas, quando o Reino ocupa o centro do seu coração e todos se colocam ao seu serviço, partilhando um mesmo carisma, que é sempre um dom do Senhor à sua Igreja e ao mundo.

Um segundo modelo assentaria na participação corresponsável na mesma atividade ou projeto apostólico. Esta atividade pode ser uma paróquia, uma obra social, uma editorial, um centro educativo, uma equipa de pastoral juvenil, etc. Sublinho o termo “corresponsável”, porque define um tipo de colaboração que vai para além da participação pontual num projeto missionário. Esta participação deve integrar três elementos fundamentais:

- a. *Programação conjunta da atividade*, que começa com uma análise da realidade e com a explicação dos critérios carismáticos que vão orientar a resposta que se deve dar aos desafios que descobrimos na mesma. A partir daí, passa-se a definir os objetivos e as linhas de ação, bem como o modo concreto de partilhar a responsabilidade na execução do projeto.
- b. *Criação de uma equipa coordenadora*, que acompanhe sempre o projeto e faça uma avaliação da sua execução, à luz dos critérios carismáticos que se propuseram no início, para além de outros parâmetros próprios da atividade.
- c. *Empenho na coesão da equipa* em torno do projeto e do carisma que lhe tem dado vida. Para isso é necessário estabelecer algum tipo de programa formativo e criar dinamismos apropriados que permitam cuidar devidamente da espiritualidade que anima e mantém as pessoas comprometidas no projeto e consolidar a comunhão entre os membros da equipa, formada por religiosos e leigos.

Os leigos que participam no projeto devem sentir-se parte integrante da Família carismática, à qual estão unidos através

da equipa de que fazem parte, e devem perceber também que a referida Família ultrapassa, em muito, o próprio projeto. Esta experiência de universalidade contribui para criar um sentido de pertença significativo. Não estamos a falar meramente de pessoas contratadas para trabalhar nas atividades da Congregação; há um elemento de comunhão que vai muito mais para além do contrato e que leva consigo outras exigências concretas.

Um terceiro modelo de missão partilhada seria a colaboração pontual num projeto ou numa atividade determinada, mas sem uma vinculação explícita à Família carismática. Trata-se de um compromisso de participação que colabora na concretização do projeto com os seus próprios dons. Este tipo de participação na missão exige que se esteja atento ao sentido de responsabilidade de quem está disposto a fazer parte do projeto e que a pessoa adira à visão que lhe tem dado vida. Devemos estar convencidos de que um conhecimento mais profundo do património espiritual e apostólico, em que se inscreve e se apoia o projeto vai consolidar e dinamizar a participação de todos. Por outro lado, é imprescindível estar abertos a acolher, com grande abertura de mente e coração, a colaboração que surge de quem participa no projeto e que nos permite torná-lo mais significativo para os seus destinatários.

Tudo isto exige, naturalmente, de todos uma profunda maturidade espiritual e psicológica e uma capacidade de partilhar a vida e a missão dentro da própria comunidade religiosa. A missão partilhada não pode ser nunca uma forma camuflada de fugir ao compromisso comunitário. Pelo contrário, só será verdadeira se nascer com um desejo sincero, motivado por uma genuína exigência missionária, de ampliar o horizonte desta comunhão. Quero insistir neste ponto, que me parece fundamental. Não se trata de reunir um grupo de amigos ou admiradores,

mas de se comprometer numa dinâmica que exige de nós uma ascese muito séria de renúncia e de abertura ao outro e aos outros.

A assunção séria do tema da missão partilhada coloca-nos uma série de perguntas. Este elemento está presente na vida missionária da minha comunidade ou na atividade apostólica onde estou inserido? De que forma a missão partilhada nos ajuda a dinamizar o compromisso missionário? De que modo favorece o aprofundamento da motivação missionária e a descoberta de novos caminhos de evangelização? Sentimos esta dimensão como um “bênção”, ou como um “problema”? Em que sentido nos estimula a crescer como religiosos, como missionários, como Claretianos? Através da missão partilhada, poderemos descobrir a urgência de novas presenças e novas formas de estar presentes. Ela multiplica a capacidade de resposta aos novos desafios. É um aspeto que não pode pôr-se de lado nos processos de reorganização congregacional que estamos a levar a efeito.

1.2. Missão em diálogo

O último Capítulo Geral refere, no documento “Homens que ardem em caridade”: “Escolheremos como critério e chave de todos os nossos ministérios o ‘diálogo de vida’, que tem sempre em conta os outros e a ninguém põe de lado (mulheres ou homens, membros de uma confissão cristã ou de outra, de uma religião ou de outra, de uma cultura ou de outra”. (HAC 58.2). É este o caminho da evangelização. Neste sentido, é muito bela e inspiradora a mensagem final do Sínodo sobre a “Palavra de Deus na vida e missão da Igreja”. Após apresentar a Palavra de Deus como Palavra criadora da vida e do povo que vai guiando na sua peregrinação, expressa no Antigo Testamento, e de nos convidar a contemplar a Palavra encarnada – que tem um rosto:

Jesus, o Filho do Pai, que se faz presente entre nós - e de nos recordar que na Igreja encontramos o âmbito – a casa – onde a Palavra é acolhida, celebrada e partilhada, proclama textualmente: “A Palavra de Deus personificada ‘sai’ da sua casa, do templo, e dirige-se ao longo dos caminhos do mundo, para se encontrar com a grande peregrinação que os povos da terra empreendem na busca da verdade, da justiça e da paz”⁷. O diálogo é o lugar onde acontece a evangelização. Pode acontecer que tenhamos querido “ensinar” demais e tenhamos “escutado” pouco. Talvez tenhamos convidado muitos a “vir”, mas não nos dispusemos a “sair”. Somente através da relação, é possível acompanhar as pessoas no encontro com Cristo. Neste sentido, é imprescindível cultivar algumas atitudes, orientar de um determinado modo os nossos ministérios e Obras, e criar plataformas e estruturas que facilitem o diálogo. Aponto alguns aspetos que nos podem ajudar a orientar e a avaliar a nossa atuação missionária, a partir desta perspetiva:

- a. *Capacidade de escuta.* É a primeira exigência, para que se possa iniciar o diálogo. Trata-se de uma escuta que acolhe a presença singular de cada pessoa e que sabe manter a mente e o coração abertos às questões que decorrem das várias situações. O diálogo supõe que estejamos atentos à realidade. Não podemos ir com o projeto já elaborado, ou com o programa decidido. Deve-se ter o respeito e a paciência necessários para ir configurando o projeto evangelizador com base na realidade concreta, para descobrir a sabedoria já presente e deixar que a realidade questione as nossas opiniões e métodos. A escuta é exigente.

⁷ MENSAGEM AO POVO DE DEUS DA XII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS; n. 10

- b. *Discernimento*. No entanto, não vamos de mãos vazias. Foi-nos confiado um tesouro, que é mensagem do Evangelho. Dentro do coração, levamos a experiência do encontro com Jesus, que abriu novos horizontes nas nossas vidas e as tem enchido de sentido e esperança. Esta experiência, fundamental na nossa vida, cresceu no seio da comunidade eclesial, que está chamada a ser sinal da presença amorosa de Deus no mundo e lugar de acolhimento de “quem busca a verdade, a justiça e a paz”, tal como nos é referido na mensagem do Sínodo, que citei antes. As perguntas que surgem do diálogo com as pessoas e das situações que encontramos no caminho, exigem-nos capacidade de discernimento. Devemos iluminá-las com a luz do Evangelho, para podermos dar as respostas adequadas, e fazê-lo, em comunhão com a Igreja, comunidade dos discípulos de Jesus. O discernimento exige fidelidade ao Evangelho e um profundo sentido eclesial. Para nós, a comunidade religiosa, a Congregação, são referência obrigatória neste discernimento.
- c. *Criatividade*. Não podemos continuar a repetir esquemas e programas. O diálogo exige manter-nos sempre abertos à surpresa do que é novo e que vai sendo gerado na história e no mundo. Os projetos evangelizadores devem ser capazes de integrar as exigências do diálogo com a cultura, as culturas e as outras Tradições religiosas, e do diálogo ecuménico. Isto exige, obviamente, estudo e reflexão. Os nossos programas de formação permanente deveriam estar muito mais atentos à realidade do nosso mundo e às novas tendências culturais; deveriam interessar-se mais profundamente por entender a experiência de quem tem acreditado e vivido no seio de outras Tradições religiosas, e em conhecer

melhor as posições teológicas e pastorais das Igrejas cristãs irmãs; deveriam acompanhar mais de perto o nosso esforço por compreender melhor o mundo em que vivemos e o pensamento dos nossos contemporâneos. Sem estudo e reflexão, sem uma boa preparação, não é possível a criatividade pastoral, nem a apresentação de respostas significativas. A provocação para nos tornarmos presentes nas fronteiras culturais, sociais e geográficas da evangelização exige estudo, reflexão e audácia missionária. A Congregação deve continuar a promover uma esmerada preparação de todos os seus membros. Não devemos ter medo do que é novo, embora isto exija de todos renunciar ao que já estávamos acostumados ou ao que nos é mais cómodo. A criatividade vai-nos exigir também deslocações para os locais onde as perguntas que inquietam hoje a humanidade ressoem com maior insistência; zonas, onde a ânsia de paz e de justiça é percebida com mais força, porque se sente aí, com maior angústia, o peso opressor de um mundo injusto e violento.

Neste âmbito de diálogo aparece o tema da *inculturação*, que requer o respeito pelas culturas dos povos a que fomos enviados: a sua língua, a sua história, os seus desejos e lutas por construir bases sólidas que lhes permitam manter a identidade, num mundo em que se verifica uma imposição das culturas dominantes. Na história da nossa Congregação, há exemplos maravilhosos de missionários que se converteram em verdadeiros especialistas das culturas – algumas destas, culturas minoritárias – nos lugares para onde haviam sido enviados. Deve-se dedicar tempo a aprender a língua do lugar, estudar a sua cultura, sentir-se orgulhoso pela história desse povo, partilhar os seus problemas e os seus sonhos de futuro. É evidente que se deve fazer uma leitura crítica da história e da cultura,

mas nela não pode faltar o amor de quem se sente, de coração, como fazendo parte desse povo. Percebi que, neste aspeto, houve um retrocesso na Congregação. As possibilidades de comunicação a nível universal, que nos oferecem as novas tecnologias, estão a provocar uma contínua “fuga” afetiva de alguns claretianos para o seu país de origem, fugindo de um empenhamento mais radical com os povos a que tinham sido enviados, e com a sua cultura. Fisicamente, trabalha-se num lugar, mas está-se dependente do outro. Por outro lado, certo sentido de eficácia no trabalho missionário parece poder dispensar-nos do esforço de aprender a língua do lugar. Quando existe a possibilidade de o fazer, deve-se assumir com alegria esse trabalho. Isso é uma prova de muito respeito e de amor; é um testemunho missionário.

Deveríamos perguntar-nos se está viva, na nossa vida missionária e nas atividades em que trabalhamos, a dimensão do diálogo. Não deixemos de avaliar a nossa vida missionária a partir desta perspetiva. Privilegiamos o tempo de escuta? Estamos dispostos a assumir as consequências de um diálogo sincero e profundo, com quem partilhamos a vida e o desejo de construir uma verdadeira fraternidade entre todos os homens? O exercício do discernimento está presente nas nossas comunidades e atividades apostólicas? Quais são os pontos de referência do nosso discernimento? Respondem às exigências requeridas pela evangelização de fronteira, à vida religiosa e a uma Congregação missionária, como a nossa? De que forma assumimos o desafio da inculturação?

Levo sempre gravada na mente e no coração a mensagem dos Bispos da Ásia, onde trabalhei bastantes anos, e que aponta para um tríplice diálogo: com as culturas, as Tradições religiosas e os pobres. Convido-vos a meditar e a conversar, na comunidade ou na equipa missionária, sobre a natureza e a

qualidade do nosso diálogo. Os Bispos da Ásia falavam sempre de um “diálogo de vida”, uma terminologia que entrou já no vocabulário dos documentos da Santa Sé⁸. Creio que a Congregação deveria fazer um esforço maior por criar mais espaços de diálogo, que ampliem o horizonte do seu empenhamento missionário. É algo que se pode fazer nas estruturas e plataformas pastorais já existentes – hoje em dia, fala-se muito, por exemplo, de uma experiência pastoral chamada “átrio dos gentios” – ou criar, se necessário, outras novas. Animo-vos a consolidar as iniciativas pastorais de alguns Organismos, no âmbito do diálogo fé-cultura. São espaços que vão ser cada vez mais importantes. Por um lado, exigem preparação teológica e cultural sólida e, por outro, requerem uma abertura e participação respeitosas e sérias, no diálogo cultural que se leva a cabo na sociedade.

Importante plataforma de diálogo são os nossos centros educativos. Oferecem-nos a oportunidade de um diálogo muito interessante com os jovens, as famílias, os docentes, etc. Devemos perguntar-nos, no entanto, muito a sério: estamos verdadeiramente dispostos a dialogar com a cultura juvenil e a articular a nossa pastoral e o nosso modo de nos relacionarmos com os jovens, tendo em conta as características e inquietações que descobrimos neles? Como estamos a dar resposta às solicitações das famílias? Que devemos fazer para manter viva a vertente missionária nesses centros? Não descuremos a avaliação dos nossos projetos educativos, para que se mantenham em constante diálogo com os seus destinatários.

⁸ Pode ver-se o número 42 do documento DIÁLOGO E ANÚNCIO, do Conselho Pontifício para o diálogo inter-religioso, publicado em 1991; também em VC 102.

1.3. *Missão solidária*

No documento “Homens que ardem em caridade” diz-se: “Reafirmaremos, portanto, a opção congregacional pela solidariedade profética com os pobres, os excluídos e os ameaçados no direito à vida, de forma que isso tenha repercussões na vivência pessoal e comunitária, na missão apostólica e nas nossas instituições” (HAC 58.3). São palavras que acentuam um compromisso que assumimos há muitos anos e que é inerente à vida religiosa. Se a nossa vida e o nosso ministério não refletem a paixão de Deus pelos pobres, temos de admitir que estamos longe da prática e do mandato missionário de Jesus. É um espaço onde atestamos, visivelmente, a credibilidade da nossa atuação missionária.

Quero recordar algo que partilhei, há vários anos, na circular “Testemunhas e mensageiros do Deus da vida”. Dizia nessa ocasião: “Paulo VI escreveu, na encíclica ‘Populorum Progressio’, que a Igreja ‘estremece’ perante o grito angustiado dos povos que vivem situações de injustiça; e lançava um alerta a todos, para darem resposta condigna e generosa a esta situação⁹. Este estremecimento ou comoção perante situações de injustiça, experimentadas por tantos milhões de seres humanos, é o primeiro passo para um compromisso sério com a justiça e a paz. Observamos, na nossa sociedade, um elevado grau de insensibilidade. Muitos habituaram-se a ver as coisas assim e caíram numa espécie de fatalismo que os imobiliza. Daí que, para pôr em marcha uma ação resoluta em favor da justiça e colocar em andamento verdadeiros movimentos de solidariedade, seja indispensável este contato direto com a realidade

⁹ “A Igreja, aflita perante os gritos de angústia, apela a todos e a cada um dos homens para que, movidos pelo amor, respondam ao clamor dos seus irmãos” (PP 3). Nalgumas línguas, traduziram a expressão latina pela palavra “estremecer”.

dos pobres e oprimidos. Afeta-nos e faz-nos estarrecer verdadeiramente a situação de injustiça que vivem tantas pessoas? Ficamos inquietos? O documento capitular ‘Para que tenham vida’ dizia-nos que é essencial ‘deixar-nos tocar’ pelos pobres¹⁰. Estes pobres e excluídos possuem um rosto e um nome concretos para nós, para além das imagens que veiculam os meios de comunicação social?”¹¹. Creio que tudo isto continua a ter plena validade e atualidade.

A Congregação, geográfica e estatisticamente falando, está mais sediada entre os pobres. O crescimento congregacional opera-se, primordialmente, nas regiões do mundo onde existem os índices de pobreza mais alarmantes. Alegro-me constatar o empenho de muitos claretianos, colocando-se ao lado das pessoas que sofrem escandalosas situações de exclusão, consolando, acompanhando e trabalhando com grande generosidade pelo reconhecimento da sua dignidade e pela melhoria das suas condições de vida. Sinto-me profundamente grato pelo testemunho destes nossos irmãos. Constituem verdadeiros sinais e instrumentos do amor do Pai. Mas, simultaneamente, devo confessar que me preocupa certa tendência para a criação de instituições, sobretudo de caráter educativo, que nos distanciam ou, pelo menos, nos podem afastar da realidade dos pobres e excluídos. Compreendo que as Províncias e Delegações, que foram criadas nos últimos anos, tenham que esforçar-se para construir uma base económica que lhes permita atingir metas mais elevadas de autofinanciamento. É um tema ventilado nos Capítulos Gerais e que o Governo Geral tem estimulado. Preocupa-me, no entanto, quando vejo que, em certas Províncias e Delegações, a dimensão económica ameaça ocupar um lugar excessivamente

¹⁰ Cf. PTV 67.1

¹¹ TESTEMUNHAS E MENSAGEIROS DO DEUS DA VIDA. Roma, maio de 2006; nn.53, 54.

importante neste tipo de projetos, e quando acusam certa tendência para estilos de vida que se vão afastando das opções que fizemos. Devemos estar muito atentos para que estes novos projetos sejam elaborados e levados à prática sempre pautados por um verdadeiro sentido de solidariedade para com os excluídos e com um compromisso sólido e claro pela justiça e pela transformação do mundo. Por outro lado, é óbvio que devem estar em sintonia com outras presenças e projetos que nos localizam muito mais claramente entre os que sofrem as consequências negativas de um sistema social e económico injusto.

Entre estas presenças, julgo que onde se verifica mais a nossa falta é nas regiões periféricas das grandes concentrações urbanas, em que habitam milhares – para não dizer milhões – de pessoas que vivem em condições infra-humanas. Nas cidades de países que atingiram já certo grau de desenvolvimento económico, estas pessoas concentram-se às vezes nos centros históricos ou em zonas urbanas que sofreram uma progressiva degradação, com o andar do tempo. Creio que a Congregação tem orientado bem a sua presença nas regiões missionárias de carácter rural, com projetos evangelizadores e de promoção humana, levados a efeito com grande competência e generosidade. Mas dá-me a impressão que nos falta um empenhamento mais eficaz nestas zonas urbanas de exclusão, que reclamam uma presença evangelizadora verdadeiramente profética, com mais urgência que outras. Partilho convosco esta inquietação, e gostaria que nas Províncias e Delegações se abrisse algum espaço para discernir sobre este ponto e tomar as decisões consentâneas com o mesmo.

Assumindo uma decisão do último Capítulo Geral, esforçamo-nos por consolidar a nossa presença no foro das Nações Unidas. Já havíamos iniciado este trabalho no sexénio anterior, mas o

aval capitular proporcionou-nos nova motivação nesse sentido. Estamos sediados no Departamento de Informação das Nações Unidas, que se chama DPI: é o primeiro passo para obter um estatuto mais estável dentro deste grande foro mundial, cujas decisões têm repercussão na vida de milhões de pessoas. A Província dos Estados Unidos da América do Norte continua a apoiar generosamente este amplo projeto. Trabalhamos para consolidar a nossa própria organização, com uma comissão que, sob a coordenação do Secretariado Geral de JPIC, assume as diversas dimensões que a presença neste novo ‘areópago’ requer. Ensinam-nos outras Congregações, com maior experiência neste campo. Como temas centrais dos nossos trabalhos nesta instância, embora não sejam únicos, escolhemos os direitos humanos e os direitos dos povos. Creio que, tanto em épocas anteriores, como atualmente, a Congregação conta com experiências concretas e importantes neste sentido. Torná-las conhecidas é uma primeira tarefa que a comissão deverá enfrentar. Em todo o caso, não teria muito sentido investir recursos humanos e económicos neste projeto, se ele não encontrar uma ressonância concreta nas comunidades e atividades apostólicas da Congregação. Este é, presentemente, o grande desafio. Estamos a elencar algumas experiências concretas da Congregação, para as articular num projeto que permita dar eficácia à nossa presença nesta Instituição. Iremos prestar mais informação, mas gostaríamos também que nos fizessem chegar, com assiduidade, notícias sobre os problemas relacionados com os direitos humanos e com os povos presentes em lugares de missão, bem como as iniciativas que estejam em andamento. A partir daí, a nossa comissão para o trabalho na Organização das Nações Unidas encontrará caminhos para dar resposta aos referidos problemas e inquietações. Insisto no facto de que se trata de um projeto missionário, como missionário é tudo o que se faz em favor da paz e da justiça.

1.4. Missão, em perspectiva vocacional

Outra característica importante da nossa atuação missionária é a necessidade de ler a missão, em clave “vocacional”. Falo de “clave vocacional”, em sentido amplo, isto é, de um trabalho pastoral – educativo, social ou de qualquer outro tipo – que procure encontrar e relacionar-se com as pessoas, e se esforce por as acompanhar e as levar a fazer uma opção de vida, que lhes transmita sentido e esperança e lhes permita tirar de dentro de si tudo o que há de bom e colocá-lo ao serviço de uma causa que valha a pena. Nestes tempos em que se nota uma falta de profundidade e se apodera das pessoas uma forte tendência para o individualismo não solidário, esta vertente pastoral torna-se quase imprescindível. Em relação aos jovens, por exemplo, não podemos contentar-nos simplesmente com ter grupos juvenis numerosos ou encher as igrejas e praças. Isso pode converter-se em “mais uma atividade” na vida dos jovens. O que nos é pedido é que entremos numa relação de tipo familiar, que procure levar os jovens a viver em profundidade, a sentir-se queridos, a tomar consciência de que têm uma missão importante a desempenhar neste mundo. Este é também o caminho que permite ao jovem entrar num processo de amadurecimento da fé e de integração responsável numa comunidade cristã. “Converter-nos” aos jovens é uma das exigências do nosso tempo. Neste contexto, poderão aumentar as vocações de serviço à Igreja e à sociedade. E, igualmente, as vocações à vida religiosa e à nossa Congregação, porque foram proporcionadas as condições indispensáveis ao acolhimento positivo da proposta vocacional claretiana.

Todavia, a missão em “clave vocacional” não diz respeito somente aos jovens, mas centraliza a nossa atenção numa ação pastoral que tenda a ajudar as pessoas a fazer uma opção madura por Cristo e pelo seu Reino. Supõe, da nossa parte,

uma profunda experiência de fé e um desejo ardente de partilha. Exige também um esforço por dedicar tempo às pessoas, ajudá-las com grande respeito e levá-las a explicitar as preocupações que trazem no seu coração, e acompanhá-las na procura de uma resposta que as satisfaça. Sabemos que em Jesus todos a irão encontrar. Uma pastoral em “clave vocacional” levar-nos-á a tratar também da formação da comunidade cristã, para que se converta em lugar de crescimento da fé e de acontecimento de novas relações, que brotam entre as pessoas quando o Reino ocupa o centro da sua vida. Na comunidade, vai consolidar-se a opção pessoal da fé, e cada um encontrará o apoio necessário para viver a sua vocação, como discípulo de Jesus e testemunha do Reino. A nossa pastoral não pode ser só de manutenção. Devemos descobrir e sentir a sede da verdade, da justiça e do amor que existe dentro de cada ser humano, e ajudar a construir a vida, na linha do chamamento que transportamos dentro de nós.

Uma missão em “clave vocacional” exigirá que façamos uma revisão do estilo de pregação e de catequese, tanto das crianças, adolescentes e jovens, como dos adultos. Elas devem constituir verdadeiramente um “anúncio” do Evangelho e ser instrumentos capazes de acompanhar as pessoas para um encontro profundo com Jesus. Estamos às portas do Sínodo sobre a nova evangelização. Que significado tem para nós, missionários, esta “novidade”? Que iniciativas respondem a este apelo que nos faz a Igreja? Que plataformas pastorais podem dar corpo efetivamente a esta novidade, que nos é solicitada? Parece-me muito louvável o esforço que se está a fazer em várias Províncias e Delegações, no referente à criação de equipas pastorais que possam prestar uma contribuição significativa neste sentido: equipas de formação de evangelizadores, de missões populares, de formação bíblica, de pastoral juvenil, etc. Elas proporcionam serviços que pretendem conferir dinamismo

e profundidade à atividade pastoral ordinária. Trata-se de uma opção prioritária, se a contemplarmos sob o nosso carisma missionário e na sequência da tradição congregacional. Creio que é um caminho interessante, que deve ser palmilhado e tornado operativo, em cada lugar. A opção por dar prioridade a estas equipas vai exigir-nos uma revisão de posições, mas valerá a pena. Contudo, ela não se pode levar a efeito, se não se elabora simultaneamente um plano de especializações, para que as referidas equipas consigam prestar um serviço evangelizador verdadeiramente significativo.

Dentro desta missão em “clave vocacional”, situa-se também, naturalmente, o tema das vocações à Congregação. Tenho-o comentado várias vezes, e o Secretariado Geral de Pastoral Vocacional está a levar a cabo uma animação interessante e permanente. Falta apenas o compromisso específico de cada Claretiano. Não consigo descortinar, em cada comunidade claretiana e em cada atividade pastoral, uma viva preocupação pelo tema vocacional. Nalguns âmbitos, tem-se criado até certo conformismo – poderíamos falar, às vezes, quase de derrotismo – que se revela na expressão tão insistentemente proclamada: “é algo muito difícil”. E é-o, de verdade; mas isso não deveria ser obstáculo para que esta inquietação nos incitasse a trabalhar mais por esta causa. Inclusivamente nas Províncias e Delegações onde estamos a ser abençoados com abundantes vocações, preocupa-me o facto de a maioria dos candidatos não vir dos nossos centros apostólicos, mas serem fruto de campanhas vocacionais levadas a cabo noutros colégios e paróquias. Fica assim posto em questão o empenhamento pastoral dos nossos próprios centros, na perspetiva da missão em “clave vocacional”.

2. PRIORIDADES PASTORAIS PARA ESTE SEXÉNIO

O último Capítulo Geral estabeleceu algumas prioridades pastorais para este sexénio. A Prefeitura de Apostolado está a trabalhar sobre elas e no-las recorda com alguma frequência. Não vou alongar-me sobre este ponto. Quero apenas incentivar todos a assumi-las com o máximo entusiasmo. Foi elaborado um projeto para cada uma delas, e nomeada uma equipa responsável. Durante o ano de 2013, nas reuniões dos Prefeitos de Apostolado de cada uma das Conferências interprovinciais, procurar-se-á convertê-las em propostas e atividades mais concretas, em cada uma das zonas geográficas da Congregação.

- a. *Pastoral bíblica.* Estamos a trabalhar num duplo sentido: por um lado, nas atividades que ajudem a aprofundar o conhecimento da Bíblia e o contato com ela e, por outro, na animação bíblica de toda a ação pastoral, isto é, fazer com que a Palavra de Deus seja verdadeira fonte inspiradora do nosso empenhamento missionário em todas as áreas pastorais. Foi designada uma equipa coordenadora e estão a facultar-se subsídios interessantes, através da página web da Prefeitura Geral de Apostolado. A Província da Colômbia-Venezuela fornece uma colaboração importante para a realização deste projeto.
- b. *Evangelização, através das novas tecnologias da comunicação.* Há experiências muito valiosas na Congregação, que vigoram há vários anos. É preciso potenciar e coordenar tais iniciativas para as tornar mais efetivas. Está a envidar-se um esforço enorme para facilitar o acesso a programas de educação superior e de preparação pastoral, através da internet, com o objetivo de os fazer chegar a pessoas que, de outra forma, não teriam acesso a tal tipo de qualificação. Uma equipa coordenadora

preside também a estas tarefas. A Província do Brasil destaca-se na colaboração que presta a este projeto.

- c. *Novas gerações e família.* Estamos a cuidar deste aspeto, sobretudo, através da insistência nas visitas canónicas e noutras de animação, alertando para a necessidade de se elaborar um bom projeto de pastoral da infância, adolescência e juventude, e de encontrar pessoas que o concretizem. Quanto à pastoral familiar, continuamos a suplicar que a mesma encontre ressonância concreta nos planos pastorais de todos os nossos centros. Estes dois temas serão objeto de análise nas reuniões dos Prefeitos de Apostolado das diversas Conferências interprovinciais do próximo ano de 2013.

- d. *Consolidação do trabalho no setor da “Justiça, Paz e Integridade da Criação”.* Além do que já foi dito sobre a presença no foro das Nações Unidas, tentamos fazer com que esta dimensão esteja mais presente na nossa vida e em todas as atividades da Congregação. O Secretariado Geral da JPIC continuará a organizar programas de preparação nesta área, tanto para os nossos Centros formativos como para as atividades pastorais. Sabemos que é preciso uma maior coordenação neste capítulo, e estamos a tentar encontrar os mecanismos adequados à sua realização.

3. ESTRUTURAS E TRABALHOS APOSTÓLICOS

Depois deste caminho longo, volto ao tema de “por todos os meios possíveis”. Como podemos evitar a dispersão a que me referia antes e, por outro lado, conferir um cunho mais forte de identidade ao nosso apostolado? Creio que se devia proceder,

sobretudo, através de uma reflexão séria sobre a forma como encarnar as quatro características, que apresentei em cada um dos lugares em que estamos a trabalhar, e assumi-las num sentido unitário. Certamente, nalguns lugares será mais fácil colocar o acento tónico numas características do que noutras, mas elas deviam estar presentes em todas as nossas plataformas apostólicas. Não quero deixar de recordar que alguns claretianos podem aproveitar o ensejo para justificar qualquer posição pastoral ou, pior ainda, para se agarrarem àquela em que se encontram atualmente e da qual não pretendem sair. Daí a necessidade de fazer este discernimento, no contexto de cada Província. Nem todas as posições apostólicas nos permitem assumir as características que devem definir o nosso trabalho apostólico. Em cada contexto, deve-se escolher as que melhor respondam, e dar-lhes prioridade sobre as demais. Sempre se afirmou que o problema maior da revisão de posições não reside na hora de fechar uma determinada posição, quando esta não está conforme com os critérios da missão claretiana. Se assim fosse, ninguém duvidaria em abandoná-la. O verdadeiro problema sucede quando se deve decidir sobre a continuidade de uma posição, que pode ser plenamente justificada à luz das características da missão claretiana, mas que temos de deixar para potenciar outra ou para criar uma nova, que, sob o prisma dos mesmos critérios, se apresenta como mais urgente.

Fornei várias pistas e sugestões, ao longo do texto desta Circular. Espero que as apreciem devidamente. É verdade que o dinamismo missionário de uma determinada atividade ou estrutura pastoral depende muito dos membros da equipa responsável pela mesma. Mas também não se pode negar que há estruturas pastorais que facilitam a expressão da nossa identidade missionária mais do que outras. Em cada contexto, deveremos verificar quais são. Dar continuidade a esta reflexão permitirá esclarecer melhor as prioridades da nossa atuação

missionária e ajudará o povo, sobretudo os jovens com inquietações vocacionais, a identificar melhor o perfil da nossa Congregação. Estas prioridades devem ser poucas e estar bem coordenadas no âmbito provincial ou, mesmo, interprovincial. A reorganização dos Organismos na Congregação favorece uma boa oportunidade neste sentido. A revisão de posições torna-se mais difícil, quanto mais reduzido é o espectro à luz do qual se realiza, porque entram em jogo, nessa hora e com demasiada força, outros fatores, e não os critérios missionários. Se a expressão “por todos os meios possíveis” é um germe de profecia que o Fundador deixou plantado no coração da Congregação, não podemos convertê-lo em pretexto para nos afastarmos precisamente desta dimensão profética da nossa missão.

IV.

O CHAMAMENTO DO MISSIONÁRIO À SANTIDADE

A missão da Congregação é levada a cabo pelos claretianos. O seu dinamismo dependerá, pois, em grande parte, da intensidade de vida missionária de cada um de nós. Sem uma profunda espiritualidade, o nosso trabalho apostólico não será capaz de comunicar o Evangelho. O Capítulo Geral apontou-nos, como prioridade, a necessidade de reforçar a dimensão teológica e mística da nossa vocação missionária (HAC 54). Compreendemos a necessidade urgente de “reavivar o fogo interior”, que dá sentido à nossa vida e dinamismo ao empenhamento apostólico. Foi esta a experiência do nosso Fundador e a experiência de muitos irmãos nossos, que são hoje pontos de referência para todos. Sabemos muito bem que, sem este fogo, as nossas vidas não serão capazes de transmitir luz nem calor. Sem o nosso trabalho e as nossas instituições, as nossas vidas não serão capazes de transmitir o Evangelho do Reino. Sem os nossos processos formativos, teríamos apenas itinerários de qualificação profissional. Sem este fogo, a preocupação que possamos ter pelos recursos económicos necessários para sustentar a vida e as atividades da Congregação não se distinguiria muito da de qualquer outro grupo humano. Devemos recuperar a mística missionária: deixar que Deus se apodere verdadeiramente de nós, cuidar a amizade com Cristo e deixar-nos guiar pelo Espírito. “Aspirar à santidade: é este, em síntese, o programa de toda Vida Consagrada”, afirma a *Vita Consecrata* (93)., “Reavivar o fogo interior” é a condição “sine qua non” para viver hoje a nossa vocação missionária.

“Paixão por Cristo, paixão pela humanidade”: na vivência deste binómio, a nossa vida encontra sentido e faz-se portadora de vida, através do nosso empenhamento apostólico. Convido-vos a lançarem o olhar para a experiência espiritual e missionária do Padre Fundador. A vida de Santo António Maria Claret teve um eixo central: Jesus Cristo. Por Ele se sentiu amado. Por Ele se sentiu acompanhado. Por Ele se sentiu enviado. Toda a vida humana necessita de um centro de gravidade que vá dando sentido a cada um dos episódios que constituem a sua história. Para Claret, este centro integrador e dinamizador de vida foi a sua relação com Cristo. Uma relação que ele tratou com esmero e deixou que moldasse toda a sua existência. Jesus foi certamente o seu ponto de referência absoluto. Foi a caridade de Cristo a que o impeliu, durante toda a sua vida. O Padre Fundador apresentava-se como um homem profundamente apaixonado por Jesus e pelo anúncio do Evangelho. A sua vida foi a expressão desta paixão, que ardia intensamente no seu coração. “Um filho do Coração de Maria é um homem que arde em caridade e abraça por onde passa”, repetia aos seus missionários. Um fogo que ele alimentou na meditação assídua da Palavra de Deus e através de uma profunda piedade eucarística. Olhou para o povo e sentiu, como Jesus, aquela profunda compaixão que leva à ação concreta. Organizou toda a sua vida a partir desta opção fundamental que o levou a colocar-se incondicionalmente ao serviço do anúncio do Evangelho.

Perante a situação do nosso mundo, dizia eu no começo desta Carta, vêm-nos à mente mil perguntas que podem inclusivamente gerar certo desânimo, em relação ao nosso compromisso missionário. Não foram menos difíceis os tempos de Claret. Na Autobiografia, fala-nos disso com frequência. Estou certo de que também, naquelas circunstâncias, muitos se deixariam vencer pelo desânimo. Se o Padre Fundador viveu com tanta intensidade a sua missão, foi porque viveu veementemente a

experiência de ser amado por Deus. Em Cristo, descobriu o amor sem medida de Deus, que se oferece a todos e a cada um. Não pôde ficar quieto. Ele relatava a sua experiência, com palavras e expressões que talvez hoje em dia não nos motivem suficientemente; mas devemos ser capazes de captar a profunda experiência que se esconde por detrás dessas palavras. Esta vai, certamente, tocar os nossos corações.

Recordar hoje a figura de Claret anima-nos a assumir, com decisão e generosidade, a alegre tarefa de anunciar o Reino. A sede de verdade e de amor, o desejo de viver com sentido e de construir um mundo mais fraterno e solidário continua presente no coração do nosso povo. Existem, certamente, muitas propostas que tentam calar esta sede ou satisfazer este desejo com ofertas que não são capazes de responder aos desejos mais profundos do coração humano. O anúncio da Palavra, que guia as pessoas para a própria interioridade, onde é possível o encontro com Deus, e oferece as chaves para interpretar e orientar a história, é mais urgente do que nunca. Sabemos que a experiência do amor de Deus nos capacita para acolher os demais, como irmãos, e a Criação, como dom a partilhar.

Se fôssemos capazes de ver a realidade com a compaixão de Jesus, que enchia todo o coração de Claret, despertaria em nós o desejo avassalador de fazer algo. Não nos preocuparia o facto de manter posições de poder ou de prestígio, porque estaríamos apenas interessados em aproximar-nos daqueles que esperam um gesto de amor, no meio das experiências de exclusão que vivem. Não nos sentiríamos ameaçados por nada nem por ninguém, porque a paz de quem se reconhece amado pelo Pai e enviado por Jesus, que prometeu estar sempre com seus discípulos, nos encheria o coração. Não nos causaria receio dar testemunho da nossa fé, porque saberíamos que é o melhor serviço que podemos prestar aos irmãos. Não esmore-

ceríamos no nosso empenhamento de criar um mundo mais próximo do projeto de Deus para os seus filhos, porque nos deixaríamos levar pela certeza da promessa do Pai, que alimenta o nosso compromisso missionário: um mundo novo, “em que a justiça reinará”. Causar-nos-ia preocupação ver a situação de tantas pessoas que, por motivos diversos, não conseguem viver a experiência de se sentirem amados, e auscultaríamos fortemente a interpelação para nos tornarmos a imagem do Coração do Pai, no contexto particular em que nos é dado viver. A lembrança do Fundador situa-nos em clave missionária. A nossa espiritualidade é missionária e a nossa resposta ao chamamento à santidade passa pelo compromisso missionário. Bebamos do poço, do qual brota a água viva, a única que pode saciar a nossa sede e fazer que a nossa vida produza abundantes frutos para todos.

CONCLUSÃO

Num dos exercícios da segunda etapa – “Patris mei’ – do projeto “A Frágua na vida cotidiana”, somos convidados a meditar nos textos da Sagrada Escritura que despertam maior ressonância na nossa vida. Não duvidei em escolher a passagem do Evangelho de Lucas 1, 46-55: o cântico do *Magnificat*. Quero concluir esta carta, fazendo uma referência ao mesmo.

No *Magnificat*, ressoa com intensidade o reconhecimento, por parte de Maria, da grandeza e santidade de Deus, que é misericordioso e fiel às suas promessas, que olha para os pequenos e é garantia de liberdade para os oprimidos e excluídos.

No *Magnificat*, aflora, com uma serena beleza, a consciência que Maria possui de ter sido agraciada por Deus: tudo é graça, na sua vida. É esta graça que faz verdadeiramente grandes as pessoas: todas as gerações me chamarão bem-aventurada. Jesus, no sermão da montanha, chamou bem-aventurados os que Deus encheria, com o dom da sua presença, a sua vida pobre, marcada pelo sofrimento ou pela dor, preñhe de compaixão, transparente, comprometida com a justiça, perseguida por se manter fiel à mensagem do Reino. É sempre a presença de Deus que abre novos horizontes na sua vida e a faz portadora de esperança.

No *Magnificat*, descobrimos a consciência que Maria tem de fazer parte do seu povo. A bênção que Deus derramou sobre ela será bênção para todo o povo, porque Deus cumpre sempre as suas promessas, e vai fazê-lo agora, através dela que confia totalmente no seu projeto. Uma bênção que chegará a “toda a descendência de Abraão, para sempre”, indicando deste modo a universalidade do amor do Pai.

No Magnificat, percebemos a convicção de Maria de que a presença de Deus transformará a dura realidade de quem passa fome e é humilhado e explorado; porque a presença de Deus é sempre transformadora, como Ela mesma verificou, pois a fez mãe do seu Filho. A presença de Maria junto a Jesus, até ao calvário, tentando fazer realidade este “sonho” do Pai, confere uma credibilidade profunda às palavras deste cântico.

A canção de Maria abre com o verbo “proclamar”. A enorme experiência de graça não consegue ficar retida numa só pessoa. É proclamada e, deste modo, multiplicada, convertendo-se em fonte de esperança para muitos.

O Magnificat revela-nos uma fé, que se faz profecia de esperança, e mantém um empenhamento, que procura tornar realidade, hoje, o que se proclama como promessa de um Deus que é sempre fiel à sua Palavra. Aqui reside toda a beleza deste cântico.

O Magnificat é o cântico do profeta e do missionário, de quem se encontra nas mãos de Deus para ser parábola do seu amor e da sua misericórdia, para se opor a tudo o que nega ou pretende ofuscar este amor que quer atingir a todos. O Magnificat, que recitamos ou cantamos cada dia, ajuda-nos a crescer como missionários e configura-nos como comunidade missionária.

A nossa identidade é “ser missionários”. Quis convidar-vos a refletir sobre o sentido profundo de ser missionário, hoje, para nós e para o mundo. O meu voto é que saibamos viver com entusiasmo esta vocação, que é um presente de Deus para cada um de nós e pretende sê-lo, através de nós, para muitos mais.

Finalizo estas páginas, nestes meses de julho e agosto, em que diariamente fazemos memória de tantos irmãos nossos, que proclamaram a sua fé e ratificaram a sua consagração com o dom da própria vida. Que a memória dos mártires seja um incentivo para a nossa caminhada missionária.

Roma, 13 de agosto de 2012.

Festa dos Beatos Mártires Claretianos de Barbastro,
Dia da memória martirial da Congregação.

Josep María Abella Batlle, cmf.
Superior Geral

Índice

INTRODUÇÃO	3
I. A MISSÃO, UM TEMA FUNDAMENTAL	7
1. PONTOS DE REFERÊNCIA, NA HORA DE REPENSAR	
A NOSSA MISSÃO, HOJE	8
1.1 <i>O Padre Fundador</i>	8
1.2 <i>As orientações do Magistério eclesial</i>	10
1.3 <i>Outras referências importantes</i>	13
2. NOVAS PERGUNTAS, QUE NOS CAUSAM PREOCUPAÇÃO	16
II. NOVOS HORIZONTES PARA A MISSÃO	
DA VIDA CONSAGRADA	25
1. PROBLEMAS LEVANTADOS À MISSÃO, NESTE MOMENTO HISTÓRICO	27
1.1 <i>A globalização</i>	30
1.2 <i>O pluralismo cultural e religioso</i>	31
1.3 <i>O desafio da secularização</i>	33
1.4 <i>A busca de uma verdadeira harmonia</i>	35
2. ABRINDO CAMINHOS PARA O FUTURO	37
2.1 <i>Aprofundar a dimensão teológica da nossa vida</i>	
<i>é a nossa primeiro contributo dado à missão</i>	37
2.2 <i>O diálogo como lugar específico da missão</i>	39
2.3 <i>A opção pelos pobres e excluídos, e pela justiça</i>	42
2.4 <i>Repensar a localização das nossas obras</i>	45
2.5 <i>Avançar no caminho da colaboração intercon-</i>	
<i>gregacional e da missão partilhada</i>	47

III. A NOSSA MISSÃO CLARETIANA, HOJE	51
1. ALGUMAS CARATERÍSTICAS DA MISSÃO CLARETIANA, HOJE	55
1.1 <i>Missão partilhada</i>	55
1.2 <i>Missão em diálogo</i>	62
1.3 <i>Missão solidária</i>	68
1.4 <i>Missão, em perspetiva vocacional</i>	72
2. PRIORIDADES PASTORAIS PARA ESTE SEXÉNIO	75
3. ESTRUTURAS E TRABALHOS APOSTÓLICOS	76
IV. O CHAMAMENTO DO MISSIONÁRIO À SANTIDADE	79
CONCLUSÃO	83